



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

JAINARA DA SILVA MANGUEIRA

FORMAÇÃO, TRABALHO E DILEMAS DA PROFISSÃO DOCENTE

**CAJAZEIRAS-PB
2015**

JAINARA DA SILVA MANGUEIRA

FORMAÇÃO, TRABALHO E DILEMAS DA PROFISSÃO DOCENTE

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria de Lourdes Campos

CAJAZEIRAS-PB
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

M277f Mangueira, Jainara da Silva
Formação, trabalho e dilemas da profissão docente. / Jainara da
Silva Mangueira. Cajazeiras, 2015.
77f. : il.
Bibliografia.

Orientador (a): Prof. Maria de Lourdes Campos.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Professores- formação. 2. Trabalho Docente. 3. Professores-
dilemas da profissão. 4. Formação docente. I. Campos, Maria de
Lourdes. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU -377.8

JAINARA DA SILVA MANGUEIRA

FORMAÇÃO, TRABALHO E DILEMAS DA PROFISSÃO DOCENTE

Monografia Aprovada em: 01/12/2015

Banca Examinadora

Maria de Lourdes Campos

Prof.^a. Dr.^a. Maria de Lourdes Campos

Orientadora

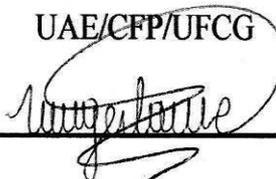
UAE/CFP/UFCG



Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva

Examinador

UAE/CFP/UFCG



Prof.^a. Dr.^a. Maria Gerlaine Belchior Amaral

Examinadora

UAE/CFP/UFCG

Á Deus em primeiro lugar que iluminou e abençoou meus passos até a realização desse sonho.

Aos meus pais, Francisquinha e João, pela dedicação, amor e ensinamentos que foram fundamentais nessa etapa da minha vida.

Aos meus irmãos Janicélia, Jociara, Jocerlânia, Jocélio, Jocieudo e Jocerlândio pelo apoio em todos os momentos, cujo me fizeram acreditar na minha capacidade de concretizar meus objetivos.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus pela vida, por ter iluminado minhas escolhas e ter colocado pessoas especiais e essenciais em meu caminho, que me ajudaram durante toda a minha vida, me proporcionando conquistas e realizações pessoais e profissionais.

À minha mãe, Francisquinha tão maravilhosa e mais incrível do mundo que sempre me apoiou em todas as minhas escolhas e que vibra e fica feliz com minhas conquistas, por ter me dado a melhor e maior família que alguém poderia ter, que me ajudaram durante toda a minha vida acadêmica, dando força para nunca desistir nos momentos difíceis. Ao meu pai, João Mangueira, meus irmãos e sobrinhos que sempre estiveram do meu lado, deixo aqui meus agradecimentos.

Aos professores da Universidade Federal de Campina Grande do Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras - PB, que me proporcionaram os mais diversos conhecimentos, e que me ajudaram tanto profissionalmente quanto pessoalmente, agradeço pelos ensinamentos e experiências de vida, partilhadas durante todo o curso, os elogios e incentivos pronunciados pelos corredores da universidade, pelo apoio para seguir em frente e saber lidar com os obstáculos que surgisse, contribuindo assim, para o meu conhecimento e para a minha formação acadêmica.

Aos demais educadores que contribuíram com a minha formação desde os primeiros anos de escolarização até os dias atuais, pela sua dedicação e conhecimentos compartilhados.

A orientadora deste trabalho, Professora Dr^a. Maria de Lourdes Campos, que se mostrou atenciosa comigo, por ter orientado, compartilhado seus conhecimentos e sugestões, despertando em mim o desejo de sempre querer mais. Por estar sempre disponibilizando seu tempo em prol do enriquecimento deste trabalho.

Aos professores que aceitaram participar da banca examinadora, apresentando contribuições e sugestões valiosas, meu muito obrigada.

As professoras entrevistadas da escola Estadual, que contribuíram com a participação e permissão na coleta de dados e assim, torna possível a viabilização da pesquisa para elaboração da monografia. Para essas pessoas deixo os meus sinceros agradecimentos.

*A imaginação é mais importante que a ciência,
porque a ciência é limitada, ao passo que a
imaginação abrange o mundo inteiro.*

Albert Einstein

RESUMO

Este estudo monográfico sobre a Formação, Trabalho e Dilemas da Profissão Docente, foi realizado na cidade de Cajazeiras – PB. Tendo como propósito o seguinte objetivo geral: Analisar a formação, trabalho, e dilemas da profissão docente nos anos iniciais do ensino fundamental; e objetivos específicos: discutir as concepções da formação docente e suas exigências na contemporaneidade; refletir o trabalho docente e sua relevância no processo de construção do conhecimento e investigar os dilemas da profissão docente no exercício profissional. A escolha desse tema surgiu em decorrência da sua relevância nos estudos, debates, e pesquisas no século XXI, além do meu interesse em aprofundar essa discussão. Para fundamentar essa discussão utilizei como base teórica a contribuição dos seguintes autores: Esteve (1995), Pimenta (1998), Perrenoud (2000), Ramalho (2004), Imbernón (2006), Nóvoa (2007), Tardif e Lessard (2009), Charlot (2013), entre outros. Para compreender o trabalho docente é necessário investigar e refletir: Quais as concepções de formação inicial e contínua? Quais as causas da desvalorização da profissão docente? Quais as dificuldades enfrentadas na profissão docente? E quais as implicações da precarização do trabalho docente na profissão? O procedimento metodológico utilizado nesse estudo foi uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, que buscou proporcionar uma maior familiaridade com o objeto de estudo, tendo como ponto de partida um levantamento bibliográfico. Na coleta de dados foi aplicada como instrumento uma entrevista semiestruturada composta por dez questões relacionadas ao tema. Os sujeitos da pesquisa foram cinco professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Pode-se concluir que à atividade desempenhada pelos professores exigem cada vez mais profissionais competentes, responsáveis e comprometidos com sua profissão. Os dados demonstram que os docentes consideram que o professor deve estar em constante formação, defendendo assim, a necessidade de investir em formações contínuas, de modo que oportunizem o crescimento profissional e que melhore o ensino-aprendizagem, no intuito de atender as demandas e as pressões que o cotidiano escolar impõe. Todavia, destacam também, que é importante enfatizar na sociedade o trabalho docente tal como ele é, com suas implicações e atuações, a área docente tem que saber lidar e se posicionar em relação aos dilemas dessa profissão, entre eles pode-se ressaltar: o enfrentamento contra a desvalorização da profissão, baixos salários, desmotivação e o novo perfil de alunos.

Palavras-chave: Formação. Trabalho docente. Dilemas da profissão.

ABSTRACT

This monographic study of Training, Work and Dilemmas of the Teaching Profession, was held in the city of Cajazeiras - PB. Having as purpose the following general objective: To analyze the formation, working, and dilemmas of the teaching profession; and specific objectives: to discuss the conceptions of teacher education and its demands in contemporary society; reflect the teaching and its relevance in the knowledge construction process and investigate the dilemmas of the teaching profession in professional practice. The choice of this theme emerged as a result of its relevance in the studies, debates, and researches in the twenty-first century, in addition to my interest in furthering this discussion. To support this argument I used as a theoretical basis the contribution of the following authors: Esteve (1995), Pimenta (1998), Perrenoud (2000), Ramalho (2004), Imbernon (2006), Nóvoa (2007), Tardif and Lessard (2009), Charlot (2013), among others. To understand the teaching work is necessary to investigate and think: What are the initial and continuing training concepts? What causes devaluation of the teaching profession? What are the difficulties faced in the teaching profession? And what are the implications of the precariousness of teaching in the profession? The approach used in this study was a qualitative study of exploratory type, which sought to provide greater familiarity with the subject matter, taking as its starting point a literature review. In data collection was used a semi-structured interview as a tool that consists by ten questions related to the topic. The study subjects were five teachers in the early years of elementary school. The data were analyzed in a qualitative approach. It can be concluded that the activity performed by teachers are increasingly demanding competent professionals, responsible and committed to their profession. The data show that teachers consider that the teacher must be in constant training and advocating the need to invest in continuing education in order to give the opportunity for professional growth and improve teaching and learning in order to meet the demands and pressures that the school routine imposes. However, stand out too, which is important to emphasize in society the teaching profession as it is, with its implications and performances, the teaching area have to know how to deal and position in relation to the dilemmas of the profession, among them can be pointed out: the confrontation with the devaluation of the profession, low salaries, lack of motivation and the new profile of students.

KEYWORDS: Training, Teaching work. Profesion dilemmas.

LISTA DE SIGLAS

AEE: Atendimento Educacional Especializado

EJA: Educação de Jovens e Adultos

CCJ: Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania

LDBEN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEF: Modelo Emergente da Formação

MHF: Modelo Hegemônico da Formação

PEC: Proposta de Emenda à Constituição

PIBID: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PNAIC: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PPP: Projeto Político Pedagógico

PROERD: Programa Educacional de Resistência às Drogas

PROINFO: Programa Nacional de Tecnologia Educacional

PROERD: Programa Educacional de Resistência às Drogas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FORMAÇÃO DOCENTE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	14
2.1 Concepções de formação	15
2.2 Paradigmas da formação	17
3 O TRABALHO DOCENTE E A PRECARIZAÇÃO DA PROFISSÃO	21
3.1 Competências docentes no processo de ensino aprendizagem.....	28
3.2 O papel dos Professores na construção de conhecimentos.....	30
4 DILEMAS DA PROFISSÃO DOCENTE	33
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
5.1 Tipo de Pesquisa	37
5.2 Sujeitos da Pesquisa	38
5.3 Instrumentos de Coleta de Dados	38
5.4 Análise dos dados	39
5.5 Caracterização do <i>locus</i> de Pesquisa	39
6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	42
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICES	75
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista.....	75
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	76

1 INTRODUÇÃO

Considerando a importância da formação docente na sociedade contemporânea, percebe-se a necessidade de discutir cada vez mais o trabalho docente nesse cenário. Como forma de compreender o papel do professor na atualidade a partir das concepções existentes, propondo assim, uma nova visão do que seja essa profissão.

Diante dessa perspectiva é necessário refletir e pensar sobre a formação e o trabalho docente diante das novas exigências do cotidiano, como maneira de entender os dilemas dessa profissão. Destacando assim, suas intenções no processo educacional e as influências que a própria instituição de ensino pode exercer no desenvolvimento das suas atribuições.

Este estudo tem como objetivo geral analisar a formação, trabalho, e dilemas da profissão docente nos anos iniciais do ensino fundamental; e como objetivos específicos discutir as concepções da formação docente e suas exigências na contemporaneidade; refletir o trabalho docente e sua relevância no processo de construção do conhecimento e investigar os dilemas da profissão docente no exercício profissional.

Pensar o trabalho docente como um caminho necessário para o desenvolvimento da sociedade é o ponto de partida para leva-nos a refletir sobre sua importância no processo de ensino-aprendizagem. Diante disso, é necessário discutir sobre os percalços que envolvem essa profissão, que pode afetar as práticas curriculares dos docentes.

A escolha desse tema surgiu em decorrência da sua relevância nos estudos, debates, e pesquisas no século XXI, além do meu interesse em aprofundar essa discussão, devido à experiência adquirida por meio do Estágio Supervisionado no ensino infantil e nos anos iniciais, na qual constatei as dificuldades e dilemas encontrados na profissão de professor, que me instigou a pensar e refletir sobre os motivos que provocam a desmotivação por parte de alguns profissionais atuantes e nos futuros docentes. Possibilitando assim, compreender a realidade vivenciada por muitos educadores nas instituições escolares, como também, contribuir com os educadores para que possam lidar e se posicionar com os dilemas no momento oportuno e de forma adequada.

Esse trabalho foi construído tomando como norte os seguintes questionamentos: Quais as concepções de formação inicial e contínua? Quais as causas da desvalorização da profissão docente? Quais as dificuldades enfrentadas na profissão docente? Quais as implicações da precarização do trabalho docente na profissão?

Por ser uma temática considerada relevante na contemporaneidade, bem como, para o desenvolvimento da qualidade da educação atual, precisa ser melhor investigada, reconhecida

e colocada em foco nas discussões atuais do País, por se tratar de profissionais que trabalham com a formação do cidadão.

Diante desse contexto, essa temática precisa ser trabalhada hoje em dia nas formações iniciais e contínuas, nas escolas e nas instituições formativas. Como forma dos profissionais da educação poderem discutir e compreender a realidade em que vivem, no intuito de incentivá-los às práticas e movimentos que possa mudar essa realidade, muitas vezes, tão caótica e esquecida por parte de alguns governantes.

Dessa maneira, percebe-se a importância dos professores estarem em plena e constante formação, como forma de intervir de maneira apropriada na tarefa educativa. Considerando assim, a formação inicial que é o primeiro passo para entendermos como se constitui o trabalho do professor, o início da preparação profissional para a atuação docente. E a formação continuada visa aprimorar e contribuir com novos conhecimentos para os professores utilizar dentro da sala de aula, no decorrer da sua atuação docente, bem como possibilitar uma melhor qualidade no ensino/aprendizagem.

A prática docente há muito tempo vem passando por transformações, as quais interferem nas ações cotidianas do educador, muitas vezes com resultados favoráveis ou não. A ação educativa na atualidade deve ser pensada e refletida por diferentes ângulos para entender e conhecer as concepções e competências inerentes ao profissional docente.

O trabalho docente encontra grandes desafios todos os dias. Dentre esses desafios está o enfrentamento contra a desvalorização da profissão, bem como as implicações dos baixos salários que leva a desmotivação da sua prática, também existem as dificuldades encontradas por parte do corpo organizacional escolar, que afetam de alguma forma as atividades desenvolvidas pelo professor, assim como o novo perfil de alunos na atualidade.

Diante disso, muitos profissionais da área educacional se sentem desestimulados devido à precarização das condições de trabalho e de formação dos professores. Não se pode negar que a profissão docente já passou por muitos processos, e teve uma grande evolução até os dias atuais, porém, também é inegável que esse campo merece ser mais valorizado e reconhecido perante todo o esforço e dedicação que esse trabalho propicia, dando sua contribuição para o desenvolvimento intelectual e cidadão das pessoas na sociedade.

Sendo assim, a mudança tão desejada e esperada por todos na educação depende em parte dos professores, precisam estar sempre em processo de formação, motivados, valorizados, remunerados, satisfeitos e competentes para realizar da melhor forma sua prática, ocasionado assim num progresso em todo desenvolvimento do seu trabalho.

Este estudo está estruturado da seguinte forma:

No primeiro capítulo discute-se a formação docente na sociedade contemporânea, abordando às concepções e os paradigmas que envolvem a formação de professor. Além de dialogar sobre a importância da formação inicial e contínua para o bom desempenho da prática educativa.

No segundo capítulo reflete-se o trabalho docente e a precarização da profissão, no intuito de compreender a importância do papel docente para a educação, bem como, dialogar sobre a complexidade dessa profissão nos dias atuais. Discutindo também, acerca das competências docentes no processo de ensino aprendizagem e a relevância dos professores na construção do conhecimento.

O terceiro capítulo investiga-se os dilemas da profissão docente, destacando os principais desafios enfrentados diariamente na vida de um professor. Nessa perspectiva, focalizando às pressões sociais sofridas pelos profissionais docentes, assim como, a emergência por um fortalecimento grupal entre a classe docente.

O quarto capítulo apresenta-se os procedimentos metodológicos que foram utilizados nesse estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória e que buscou proporcionar uma maior familiaridade com o objeto de estudo, tendo como ponto de partida um levantamento bibliográfico. Na coleta de dados foi aplicada como instrumento uma entrevista semiestruturada com cinco professores, composta por dez questões relacionadas ao tema e uma breve caracterização do *locus* da pesquisa.

O quinto capítulo descreve-se e analisa os dados da pesquisa, confrontado o pensamento dos autores que fundamenta o estudo e as falas das professoras entrevistadas, a partir de questionamentos a respeito da formação, trabalho e dilemas docentes.

A partir dos resultados obtidos, foi possível realizar algumas conclusões a respeito da temática discutida, destacando a importância da profissão docente para o desenvolvimento da sociedade, assim como à necessidade da formação inicial e contínua na vida dos professores, como forma de acompanhar as mudanças que ocorrem no mundo tecnológico e contemporâneo, bem como, a necessidade de mudanças em relação às condições de trabalho necessárias para o professor.

Espera-se que esse estudo venha contribuir de forma significativa para a reflexão dos professores dos anos iniciais, bem como para os envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem, que precisam saber o verdadeiro papel do educador.

2 FORMAÇÃO DOCENTE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

Na atualidade, os profissionais da educação lutam com o propósito de melhorar a qualidade do ensino, já que ainda é necessário algumas mudanças que crie possibilidades para à construção de uma nova educação. Percebe-se que, muitas vezes, a responsabilidade pela ineficiência do ensino é direcionada ao professor, como se ele fosse o único responsável pelo processo de ensino-aprendizagem.

Diante desse cenário, os docentes sentem-se pressionados e ao mesmo tempo desmotivados para seguir essa profissão pouco desvalorizada. Durante muitos anos luta-se por melhorias das condições de trabalho do professor, hoje é possível perceber algumas mudanças, contudo, ainda não são suficientes comparadas às demandas que envolvem a profissão docente. Dessa forma, a ação educativa consiste num processo árduo e lento, devido aos empecilhos que surgem no caminho para dificultar o desenvolvimento da educação.

Busca-se uma educação universal, onde aprenda-se no mesmo ritmo e que se tenha conhecimentos idênticos, mas sabemos que essa não é uma realidade constatada na sociedade, pois a educação ainda não chegou a todos, e onde chegou não é realizada de forma igual, pois a cultura, os costumes, os lugares são diferentes, assim como a realidade vivenciada em cada lugar também é diferente, sendo assim, ainda não se tem um modo único eficiente e nem um tempo marcado para se aprender.

A sociedade almeja reformas educacionais, que estejam condizentes com a realidade atual em que vivemos ao passo que, essas reformas contribuam significativamente para o avanço da educação. No entanto, é viável também que essas reformas cooperem para o desenvolvimento do papel do professor, preparando-os para uma prática atualizada e adequada ao mundo contemporâneo. Com isso, vem a necessidade de investir em formação inicial e contínua, e de garantir a consolidação da profissionalização docente.

Para tanto, formar educadores capacitados, que tenha saberes e competências é o ponto chave para garantir o aperfeiçoamento do ensino-aprendizagem, como também fortalecer por meio das formações contínuas a importância da teoria e a prática, mantendo uma relação equilibrada e indissociável entre ambas. Pois, teoria se faz necessária em todo o fazer docente,

não existe uma prática realizada sozinha, a ação do professor requer apoios teóricos que auxiliem nas diversas situações na sala de aula.

Portanto, a formação docente merece ser pensada, refletida e pesquisada pelos representantes do meio educacional, como forma de identificar e compreender a sua importância para a sociedade. Considerando que é pelos profissionais docentes que os cidadãos são formados, sendo assim, quanto mais preparados e especializados estiverem os docentes, possivelmente mais preparados estarão os futuros profissionais exigidos pela modernidade.

2.1 Concepções de formação

Nos dias atuais, é fundamental que os professores busquem uma formação que o qualifique para atuar de forma competente e responsável na sua prática diária. Para isso, é imprescindível que os docentes se conscientizem da importância da formação inicial e contínua, como um dos elementos essenciais para atender às novas demandas que a sociedade e as transformações do trabalho educativo exigem.

Nesse sentido, entende-se que é por meio de uma graduação que o professor vai adquirir e conhecer os primeiros passos para o exercício da docência. Levando-se em consideração esse aspecto, Ramalho, et al (2004, p.97) Assevera: “Por formação inicial compreendemos a instância primeira de formação no nível universitário para o exercício da profissão, na qual se certifica a preparação do professor como profissional”.

A formação inicial é apenas o início de um caminho, não garante uma prática totalmente eficiente durante toda a carreira docente, por isso, a necessidade de estar sempre aperfeiçoando-se, buscando o novo, através da formação contínua. Sabe-se que, a experiência vivenciada por muitos professores fazem com que alguns deles não queiram realizar mais nenhuma formação, por acreditarem que já detém todo o conhecimento.

Portanto, não é apenas a experiência de anos que vai garantir a sua prática docente, não significa que as situações vivenciadas antes, possam servir do mesmo modo hoje, a realidade atual não é igual aos anos atrás, o perfil dos alunos não é o mesmo de antigamente.

Todavia, muitos ainda insistem em continuar com seus mesmos métodos, resistentes a mudanças, ou consideram que já sabem tudo e não precisam mais de nenhuma formação, entretanto, ensinar requer dedicação e investimento com o saber. No exercício profissional é comum o enfrentamento de problemas, sofrimentos, dificuldades e esforço, para se chegar ao patamar de qualidade profissional que queremos, necessitamos o máximo de compromisso.

Nessa concepção, a formação inicial do professor é o ponto de partida para iniciar a profissionalização docente, é a base primordial para atuar no meio educativo, sendo um aperfeiçoamento que o educador precisa para exercer sua profissão.

O contexto em que trabalha o magistério tornou-se complexo e diversificado. Hoje a profissão já não é a transmissão de um conhecimento acadêmico ou a transformação do conhecimento comum do aluno em um conhecimento acadêmico. A profissão exerce outras funções: motivação, luta contra a exclusão social, participação, animação de grupos, relações com estruturas sociais, com a comunidade... E é claro que tudo isso requer uma nova formação: inicial e permanente.(IMBERNÓN, 2006, p.14)

A formação contribui para a qualificação do docente, possibilitando assim, conhecer e compreender diferentes contextos da realidade educacional. Logo, o aperfeiçoamento profissional implica numa busca incessante para compreender as práticas pedagógicas e suas mudanças ao longo do processo educacional.

A formação do professor deve estar ligada a tarefas de desenvolvimento curricular, planejamento de programas e, em geral, melhoria da instituição educativa, e nelas implicar-se, tratando de resolver situações problemáticas gerais ou específicas relacionadas ao ensino em seu contexto. (IMBERNÓN, 2006, p.17)

Diante da complexidade do trabalho docente o processo de formação deve possibilitar a capacidade de refletir o contexto escolar, resignificando sua ação docente. Repensando, mudanças pertinentes ao exercício da profissão, visando alcançar a qualidade no ensino-aprendizagem, pensando o seu contexto de trabalho por diferentes pontos de vista, acreditando que a formação é uma alternativa para facilitar às atividades educacionais.

Como conseguimos fazer dessas tarefas não tarefas burocráticas mas tarefas facilitadoras, que ajudem em suas aulas a lidar com alunos. Essa é a volta que ainda não conseguimos dar. É central para a credibilidade da profissão. Podemos não gostar muito. Que os trabalhos científicos publicados, pelo número de artigos citados etc. Mas isso é uma componente importante para a credibilidade ao trabalho docente, ou fazemos nós, a partir de uma reflexão da profissão, ou alguém vai fazer por nós. (NÓVOA, 2007, p.20)

Neste contexto, a formação deve ser realizada com prazer, com amor, não tem como ser visto como algo obrigatório, e cumprindo simplesmente pelo fato de ser um dever burocrático a ser feito. É importante se qualificar, pois, essa área de trabalho profissional requer sujeitos cada vez mais conscientes, comprometidos e bem informados. A afinidade, o compromisso e o respeito com a profissão escolhida é de extrema importância, por isso,

há necessidade de trabalhar em uma atividade que temos sintonia, prazer, e que nos faça felizes e satisfeitos.

Alguns educadores acham desnecessários as formações continuadas, e evitam ao máximo participar delas, acham algo repetitivo, burocrático e sem importância, porém: “Essa educação continuada pressupõe a capacidade de dar vitalidade à ação, às competências, às habilidades, ao perfil das pessoas”.

A partir da busca pelo conhecimento é que é possível transformar o que não está dando certo em algo realmente fundamentado, capaz de fazer a diferença entre o ensino-aprendizagem e professor-aluno.

Não é a prática que é formadora, mas sim a reflexão sobre a prática. É a capacidade e refletirmos e analisarmos. A formação dos professores continua hoje muito prisioneira de modelos tradicionais, de modelos teóricos muito formais, que dão pouca importância a essa prática e a sua reflexão. Este é um enorme desafio para a profissão, se quisermos aprender a fazer de outro modo (NÓVOA, 2007, p. 16)

Percebe-se assim, a necessidade de estar se formando, para termos diversos saberes que nos permita entender a atuação profissional docente. Estar preparados e bem fundamentados para atuar no dia a dia é relevante para o educador, pois, ele é formador de cidadãos e deve contribuir com as transformações ocorridas em curso na sociedade.

2.2 Paradigmas da formação

Promover o conhecimento dos educadores por meio de formações é demonstrar preocupação com o desempenho do trabalho docente. Esse processo formativo ajuda a superar as limitações impostas pelo meio social, voltado para desenvolver de maneira integral e consciente as ações que envolve a educação.

É essencial refletir e discutir sobre os paradigmas em torno da formação docente, visando entender os modelos formativos existentes. Nessa perspectiva, os estudos acerca da formação dos professores mostra a existência do Modelo Hegemônico da Formação (MHF) na qual se baseia em:

[...] tendências próprias do racionalismo técnico e da formação academicista e tradicional. Nesse modelo, o professor é reconhecido como um executor/reprodutor e consumidor de saberes profissionais produzidos pelos especialistas das áreas científicas, sendo, portanto, o seu papel no processo de construção da profissão minimizado, uma vez que ele ocupa um nível inferior na hierarquia que estatifica a profissão docente. (RAMALHO, et al 2004, p.21)

Nesse modelo o professor é treinado para reproduzir conhecimentos, seus saberes são construídos por outras pessoas, como se ele próprio não fosse capaz de produzir saberes, acrescenta-se ao fato de que sua prática é realizada de maneira técnica, sem abertura para uma ação reflexiva. O Modelo formativo trabalha com assuntos distantes e fora da realidade dos educadores na sala de aula. No lugar dos professores terem competências para atuarem em uma escola, eles têm habilidades, as quais são treinadas de forma específicas para serem postas em prática no processo de ensino.

Essa perspectiva de formação não garante autonomia do professor, além de não possibilitar refletir ou realizar mudanças em sua prática. O seu poder de interferir nas suas aulas passa a ser minimizado, tendo em vista que o essencial é repassar o que o sistema educacional determina fazer. Não tem liberdade para usar da sua criatividade ou tomar decisões. Nessa medida técnica que ainda podemos ver hoje, a formação é pensada em torno da organização do ensino, na qual são criadas estratégias que possam garantir os resultados desejados.

Tudo é planejado de maneira que não aconteça erros, porém, sabemos que no que diz respeito ao ensino/aprendizagem tudo pode acontecer, o que dá certo para alguns, nem sempre funciona com os outros. O ensino não acontece dessa forma, há muitas outras dimensões que influenciam todo o desenrolar da educação. A aprendizagem é pensada de forma distorcida, onde ela é tida como uma fórmula, onde todos aprendem do mesmo jeito e sendo assim devem ter os mesmos resultados.

O que se faz necessário, é que a educação seja de qualidade, que seja ampliada a todos os lugares, mas não como um modelo único estabelecido, mas sim como uma estrutura organizada, capaz de formar cidadãos conscientes, e assim, alcançar os resultados esperados. Diante disso, busca-se um novo tipo de formação profissional, que seja inovadora e coerente com a realidade vivida pelos educadores.

Em decorrência das implicações do modelo técnico, surge a necessidade de um novo Modelo Emergente da Formação (MEF) que é defendido por vários autores, pois, esse modelo valoriza a profissionalização docente, deixando o professor mais autônomo, e livre para resolver qualquer situação.

Assumir a reflexão, a crítica, a pesquisa como atitudes que possibilitam aos professores participar na construção de sua profissão e no desenvolvimento da inovação educativa, norteia a formação de um profissional não só para compreender e explicar os processos educativos dos quais participa, como também para contribuir na transformação da realidade educacional no âmbito de seus projetos pessoais e coletivos. (RAMALHO et AL, 2004, p.21)

Nessa perspectiva, o professor passa a fazer parte do processo de ensino/aprendizagem de forma ativa e consciente, não como um mero reproduzidor. Integra-se em sua prática de forma ampla, capaz e valorizado, ou seja, são fatores relevantes para o processo educacional. O docente é visto como chave importante, e por isso ele tem a liberdade de decidir e transformar de acordo com as necessidades.

Portanto, as formações continuadas são espaços de preparação docente para as possíveis situações vivenciadas na escola, com os alunos, com os pais e no sistema educativo, na busca do saber. A acomodação não favorece progressos na sala de aula que atua o professor, como também na carreira profissional do docente.

Em suma, o saber dos professores é plural, compósito, heterogêneo porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente. (TARDIF, 2014, p. 18)

Por isso, torna-se essencial possuir diferentes saberes, que o próprio ofício docente requer, para compreender e solucionar os desafios impostos por uma sala de aula, bem como no campo educacional, onde os conhecimentos devem ser inovados constantemente, para que se conduza da melhor forma possível qualquer situação surgida no cotidiano. Assim: “Não há ensino de qualidade, nem reforma educativa, nem inovação pedagógica, sem uma adequada formação de professores”. (NÓVOA, 1995, p.9)

Esses saberes são conquistados por meio da formação continuada, nessa perspectiva:

A formação contínua deve contribuir para a mudança educacional e para a redefinição da profissão docente. Nesse sentido, o espaço pertinente da formação contínua já não é o professor isolado, mas sim o professor inserido num corpo profissional e numa organização escolar. (NÓVOA, 2002, p.38)

A importância de conquistar esses diferentes e diversos saberes está relacionada à necessidade dos professores de realizar formação continuada, visando atualizar-se, pesquisar, investir realmente no seu trabalho, procurando subsídios que direcione o desenvolvimento do seu trabalho.

Entretanto na medida em que a produção de novos conhecimentos tende a se impor como um fim em si mesmo e um imperativo social indiscutível, e é o que parece ocorrer hoje em dia, as atividades de formação e de educação parecem passar progressivamente para o segundo plano. Com efeito, o valor social, cultural e epistemológico dos saberes reside em sua capacidade de renovação constante, e a formação com base nos saberes estabelecidos não passa de uma introdução às tarefas cognitivas consideradas essenciais e assumidas pela comunidade científica em exercício. (TARDIF, 2014, p.34)

Diante da necessidade de produzir novos conhecimentos, a formação vem como fator decisivo para desenvolver as atividades docentes de forma adequada e consciente, portanto, deveria está em primeiro plano nas discussões e nos investimentos realizados pelas autoridades representantes do País.

Na atualidade é exigida uma formação contínua e permanente, mas, por motivos incompreensíveis, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) da Câmara dos Deputados aprovou a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 395/14, que autoriza às universidades públicas a cobrar pelos cursos de especialização, alegando o fato de que as universidades utilizam dessa prática para aumentar sua fonte de renda.

A presente iniciativa tem por objetivo excluir do princípio constitucional da gratuidade nos estabelecimentos oficiais, as atividades de extensão caracterizadas como cursos de treinamento e aperfeiçoamento, assim como os cursos de especialização. Embora sejam, em última instância, atividades de ensino, geralmente se dirigem a públicos restritos, quase sempre profissionais e empregados de grandes empresas, constituindo importante fonte de receita própria das instituições oficiais. (CANZIANI, 2014, p.1-2)

Com a aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 395/14, a responsabilidade dos estabelecimentos educacionais, em oferecer cursos de especialização gratuitos, passando essa obrigação para outras empresas, o que dificulta a formação contínua dos docentes

Cobrar taxas nos cursos de pós-graduação fará com que cada vez mais os professores desistam de se especializar, fazendo com que eles se sintam desmotivados para investir em sua formação contínua para o exercício da prática docente. Mas, como fazer formações continuadas se as escolas não oferecem, e nas instituições de ensino estão ficando cada vez mais difíceis.

Alguns educadores por mais vontade que tenham de realizar formações, não têm tempo ou dinheiro para fazer, devido trabalhar em muitos lugares para poder ter uma renda mensal melhor, já que só uma escola não possibilita isso. Em virtude disso, pode-se concluir que se os professores trabalham mais de um horário para ganhar um salário melhor, não vão querer gastar seu dinheiro com especializações que, muitas vezes, não são condizentes com sua realidade.

3 O TRABALHO DOCENTE E A PRECARIZAÇÃO DA PROFISSÃO

Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades,
lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram
conquistadas do que parecia impossível.

Charles Chaplin

Para compreender o ensino requer discutir sobre o trabalho docente, pois a maneira que se ver o educador e como ele se sente, contribui para a melhoria da qualidade do ensino. O professor vive em um ambiente complexo, cheio de incertezas e mudanças que acontece de uma hora pra outra na sala de aula, o que foi planejado antes pode ser desfeito se aparecer imprevistos para resolver.

É contudo, inegável que a docência também comporta diversas ambiguidades, diversos elementos “informais”, indeterminados, incertezas, imprevistos. Em suma, o que se pode chamar de aspectos “variáveis”, que permitem uma boa margem de manobra aos professores, tanto para interpretar como para realizar sua tarefa, principalmente quanto as atividades de aprendizagem em classe e à utilização de técnicas pedagógicas. (TARDIF; LESSARD 2009, p.43)

Nesse caso, o professor necessita tomar atitudes diárias para resolver situações urgentes, muitas vezes tem interpretações distorcidas por não ter o tempo suficiente para pensar. Diante disso, o educador se ver em situações muitas vezes, complicadas e difíceis de lidar, considerando que na sala aula existem pessoas dos mais variados jeitos, gostos, culturas e maneiras. O professor deve ser capaz de ajustar-se a aspectos sociais, afetivos e cognitivos dos alunos, o que leva à uma maior compreensão e entendimento individual de cada um, o que requer a valorização do que eles já trazem consigo.

Logo, a função da escola não é reproduzir apenas conhecimentos, mas também preparar o indivíduo para saber lidar com as diferentes situações no seu meio social, formando sujeitos críticos, reflexivos, éticos e ativos na sociedade. Nesse entendimento, a profissão docente lida diretamente com a interação entre os sujeitos, sendo assim, deve formar e preparar o indivíduo para saber conviver com as outras pessoas, abordando as diferenças culturais na sociedade.

Existem muitas concepções sobre a docência, no entanto, não devem ser vistas apenas com olhares do senso-comum, mas a partir do que é vivenciado na realidade. Presencia-se na sociedade o professor como sendo o sujeito que vai mudar a realidade dos alunos, ou como o único ser capaz de proporcionar a aprendizagem destes. Bem sabemos que isso não é verdade,

pois a aprendizagem pode acontecer através da relação com as outras pessoas, bem como em diversos lugares além da escola.

Porém, sabemos que o educador exerce um papel relevante no processo educacional, como formador de princípios éticos e morais, portanto, merece ser visto com outro olhar, ser mais valorizado perante a sociedade, tornando assim possível uma nova realidade do ensino-aprendizagem.

O educador na atualidade vivência transformações sociais, o que exige adequação e mudanças de concepções e práticas educativas que possibilite compreender sua profissão de maneira reflexiva e crítica. Todavia, existem alguns pormenores que estão inseridos na carreira de professor, como baixa remuneração, falta de materiais, ausência de formação contínua entre outros, que interfere na prática docente, ocasionando muitas vezes em uma desmotivação pelos profissionais dessa área.

Observa-se que muitos professores não acreditam no real valor da educação, devido a tantos problemas surgidos com essas transformações, “Ensinar hoje é diferente do que era há vinte anos”. (ESTEVE, 1995, p.96). O que vemos é a maioria dos alunos desinteressada pelo ensino, os pais descomprometidos com a aprendizagem de seus filhos, que faz com que os professores fiquem desiludidos e desmotivados com sua profissão.

Os alunos não são vistos da mesma forma, e nem são selecionados como se fazia antigamente, hoje aumentou o número de vagas que abriu espaço para grande quantidade de alunos, como de professores também. Tiveram um grande aumento, porém, com isso vieram um novo perfil de educandos com diferentes culturas, religiões, opções sexuais, com vida social economicamente diferente.

Diante disso, o professor não está sabendo lidar com essas situações, pois, se ver obrigado a elaborar estratégias para garantir de maneira justa e igualitária os direitos e deveres igualmente de todos os seus alunos. Porém, o próprio sistema não lhe dar espaço para isso. São criadas leis das mais diversas, na qual muitas vezes não passa do papel. Então, o professor fica nesse dilema, inseguros na sua profissão sem saber de que forma deve seguir.

Existem diversos pontos de vista, o educador tem sua maneira de pensar, a sociedade tem outro, os pais pensam de uma forma, os alunos de outra, e por fim, a escola possui a sua. Os docentes não sabem se cumprem o que mandam fazer ou se faz o que é necessário e importante para o bem estar da educação, dos alunos e da sua profissão.

A situação do professor perante as mudanças sociais é comparável a de um grupo de actores, vestidos com traje de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário, em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior. Uma nova encenação pós-moderna, colorida e fluorescente, oculta a anterior, clássica e severa. [...] O problema reside em que independentemente de quem provocou a mudança, são actores, que dão a cara. São eles, portanto, que terá de encontrar uma saída airosa, ainda que não sejam os responsáveis. (ESTEVE, 1995, p.97)

Diante disso, os professores são os atores principais dessa situação, os quais vão ter que enfrentar os problemas que surgem, mesmo não tendo culpa ou não sendo os responsáveis diretos, pois, estão diretamente convivendo com essas mudanças, e assim, terão que descobrir alternativas que resolvam esses acontecimentos.

A reflexão diária sobre o rendimento de sua aula é necessária para que se possa melhorar dia após dia, vendo os pontos negativos e os positivos, o que não deu certo hoje e o que pode ser melhorado amanhã, beneficiando tanto o desenvolvimento da aula quanto do aluno. Nessa perspectiva, deve-se buscar novas formações continuadas para abranger esses requisitos, o professor é obrigado a conhecer para então desenvolver essas habilidades no educando e assim, poder entender por diversos olhares cada situação baseada na teoria e prática.

No entanto, as condições de trabalho na atualidade fazem com que os professores se sintam desmotivados, estressados, e mais ainda, cansados dessa carreira. Por estarem com esse sentimento de desânimo com o sistema educativo, muitos evitam fazer ou acham desnecessárias essas novas formações, mesmo tendo em mente que elas são fundamentais para melhorar o dia a dia escolar. Muitos reclamam que quando são disponíveis as formações continuadas, acontecem sempre da mesma forma, não tem novidades, por isso não se sentem motivados a fazerem, já que vão trabalhar as mesmas coisas.

O professor tem essa necessidade de sempre buscar mais, de inovar, e por isso é essencial que seja feita de maneira reflexiva, desenvolvendo uma ação que a todo tempo é avaliada e repensada em virtude de uma melhor prática em sala de aula. Não adiantará conquistar novos conhecimentos se eles não forem usados para fazer a mudança que necessita. Assim, o novo perfil de educadores precisa ser repensado de modo que veja a nova realidade, o educador precisa de apoio por parte dos familiares, dos alunos, de toda a instituição escolar como também da sociedade.

O educador há muito tempo vem sendo cobrado por muitas outras coisas que vão além do processo do conhecimento. O professor convive com questões de ordem emocional, social e psicológica dos alunos, o que requer qualificações profissionais para saber se posicionar nas

variadas situações na sala de aula em prol dos seus alunos e da sua função docente.

Atualmente se exige muito do professor, o qual deve ter competências para atuar de forma eficaz em um ambiente escolar, que seja capaz de firmar compromisso com a sua função, que utilize do conhecimento adequadamente e que saiba lidar com o outro, mas pouco se pensa na pessoa do professor.

Além disso, o que chamamos as “condições de trabalho”, dos professores corresponde a variáveis que permitem caracterizar certas dimensões quantitativas do ensino: o tempo de trabalho diário, semanal, anual, o número de horas de presença obrigatória em classe, o número de alunos por classe, o salário dos professores, etc. Essas variáveis servem habitualmente para definir o quadro legal no qual o ensino é desenvolvido; elas são utilizadas pelos estados nacionais para contabilizar o trabalho docente, avaliá-lo e remunerá-lo (TARDIF; LESSARD, 2009, p.111)

Observa-se que o trabalho do professor é medido por horas de trabalho e não pelas tarefas que lhe são atribuídas, ou seja, esquecem que toda essa alta carga horária de trabalho do educador, ao invés de melhorar o ensino ele pode levar a um baixo rendimento na qualidade dele. Pois, os educadores vão deixando de gostar, de se envolver com sua profissão e vão apenas cumprindo o que se deve fazer como se fosse algo obrigatório, pois não se sentem motivados, já que tem que trabalhar três períodos para ver se consegue um salário razoável para viver melhor.

Além dos baixos salários contribuírem para não atrair profissionais mais qualificados para a docência, há dificuldade para reter aqueles que optam por esse caminho. Muitos trabalhadores docentes não permanecem na carreira, abandonando a profissão por outras carreiras em que sejam melhor remunerados e valorizados, ou ainda deixam a sala de aula para atuar em outros cargos do sistema de ensino, como a coordenação pedagógica, a direção e a supervisão escolar, também melhor remunerados que a docência e, normalmente, com maior reconhecimento e valorização social (BARBOSA, 2012, p.6)

Muitos deixam a profissão de educador e segue outros caminhos, devido ao fato de não serem valorizados pela sociedade e nem receberem um bom salário. Muitos que estão chegando nessa profissão tende a desistir quando vê a realidade vivenciada por esses profissionais, além de não serem bem pagos por esse trabalho que é árduo e desgastante, ainda tem a falta de condições de trabalho, seja devido a pouco espaço pra muitos alunos, falta de materiais e de apoio dos outros integrantes da escola e das famílias dos educandos, entre tantos outros pontos que fazem com que o professor desista de sua carreira.

Diante do que já foi dito, os professores se sentem cansados, sem tempo e vontade para se divertir, para ter um lazer, para se cuidar, pois todo o seu tempo é pra se dedicar a sua profissão, pois, além das horas trabalhadas na escola, ele ainda leva tarefas para casa, como

corrigir caderno, elaborar prova, fazer relatório, planejamento, pesquisar, entre outras atividades extraclasse que consomem muito o seu tempo, cujos esforços não são reconhecidos. Então, o professor fica na situação de sempre está lutando por melhores condições de trabalho, de salário, reivindicando mais direitos, respeito e valorização.

Com isso a sua jornada de trabalho torna-se excessiva, podendo causar consequências desgastantes tanto para a vida pessoal quanto profissional, pois, os professores ficam submetidos a terem doenças como, por exemplo, a depressão, a Síndrome de *Burnout* que é,

[...]uma síndrome característica do meio laboral e que está e um processo que se dá em resposta à cronicização do estresse ocupacional, trazendo consigo consequências negativas tanto em nível individual, como familiar e social (PEREIRA, 2003,p.4).

Os estudos apontam que os efeitos dessa síndrome podem acarretar prejuízos no rendimento do trabalho do educador, chegando a um esgotamento físico. Acarretando dessa maneira a desistência da profissão docente. O professor não deve tornar seu trabalho uma atividade chata de ser realizada, é essencial que ele tenha certa familiaridade e sinta prazer ao praticar suas atividades, mas para isso, muita coisa ainda deve ser mudada no sistema educativo.

Observa-se que os professores vivem conflitos que os leva a realizar de maneira insatisfatória sua profissão. É muito rotineiro atribuir a culpa principalmente aos professores, como se fossem os principais responsáveis por tudo que acontece na educação, contudo, as coisas não são bem assim, os professores tentam contornar as circunstâncias vivenciadas na sua prática, mas nem tudo acontece do jeito que eles planejam. São muitas situações novas que os levam a seguir diversos caminhos para resolver os problemas, que muitas vezes não dá certo.

Nessa perspectiva, outros fatores merecem um olhar mais preciso, para que possa mediar de maneira adequada e rápida os aspectos que interferem no bem estar da prática docente, que possa dar condições de trabalho suficientes e adequadas para os profissionais da educação.

As investigações realizadas coincidem ao referir a importância dos fatores contextuais, pois os problemas na sala de aula são encaradas como uma atribuição do professor, enquanto que os fatores contextuais geram um sentimento de desajustamento e de impotência. Trata-se de fenômenos sociais que influenciam a imagem que o professor tem de si próprio e do seu trabalho profissional, provocando a emergência de uma crise de identidade que pode levar à autodepreciação pessoal e profissional. (ESTEVE, 1995, p.99)

O sentimento de culpa sentido pelo professor é gerado devido ao meio social que faz com que se percebam incapazes, tenham depressão, doenças, e vejam uma imagem negativa do seu trabalho, fazendo-os sentirem desestimulados com esses acontecimentos.

Todavia, isso não é bom nem para a vida pessoal dos educandos como também para a melhoria na qualidade do ensino e nem da prática educativa. Esse mal-estar sentido pelos professores só vai acarretar em mais problemas no ensino-aprendizagem, fazendo com que a educação cada vez mais tenha resultados abaixo do esperado.

Diante dessas reflexões, os professores não podem e não devem se considerarem culpados por essa realidade, são muitos outros fatores que causam essas insatisfações. É preciso que eles lutem para mudar essas situações e não fiquem apenas se lastimando ou conformados com tudo de errado que acontece.

As pressões sociais cobram, mas, a sociedade não vê o lado do professor por diferentes aspectos, é importante que se reflita por diferentes ângulos, para se chegar a possíveis alternativas que possam mudar essa realidade.

De facto o trabalho do professor é sempre apreciado num sentido negativo. Se o professor faz um trabalho de qualidade, dedicando-lhe uma maior número de horas, para além das que figuram no seu horário de trabalho, é raro que se valorizem esse esforço suplementar: no entanto, quando o ensino fracassa, por vezes devido a um acumular de circunstâncias incontroláveis. O fracasso personaliza-se imediatamente no professor. Se tudo corre bem, os pais pensam que os filhos são bons estudantes. Se as coisas correm mal, pensam que os professores são maus profissionais. (ESTEVE, 1995, p.105)

Vemos aí que o esforço dos professores não estão tendo o valor que merecem, e não estão sendo reconhecidos, sendo que, o fracasso dos alunos são direcionados aos professores, como se pudessem determinar o ritmo de aprendizagem de seus alunos, bem se sabe que cada educando aprende de determinada forma e no seu tempo.

Outro ponto crucial que remete o sentimento de desvalorização sentida pelos professores é a questão salarial, pois os profissionais da educação têm remunerações inferiores em relação a outros profissionais, mesmo exercendo uma profissão extremamente importante para o avanço do mundo. Esse valor salarial inferior leva muitos educadores a desistirem da carreira docente e procurarem outro emprego que seja mais valorizado e que tenha uma remuneração melhor. Pois, a importância de determinadas profissões está relacionada ao valor monetário que ela proporciona, ou seja, quanto mais se ganha em dinheiro com determinada profissão, mais ela é reconhecida e valorizada socialmente.

Diante disso, a escolha da profissão por muitos jovens está ligada ao valor econômico que se ganha, muitos jovens não querem seguir essa carreira, mesmo tendo um pouco de afinidade, pelo simples fato de não terem uma remuneração digna e nem muito prestígio social. Os educadores cansados de tanta falta de respeito e reconhecimento, se veem obrigados a procurarem alternativas que os possibilitem ganhar um salário razoável.

No entanto, umas das alternativas que os professores acham é ter dois ou três vínculos em escolas diferentes, para aumentar sua renda. Sendo que com isso, eles aumentam sua carga de trabalho, o que ocasiona em falta de tempo para investir em novas metodologias e no seu planejamento diário. Fazendo com que eles cumpram suas tarefas apenas por obrigação, pelo simples fato de realizá-la, sem colocar um sentido mais amplo em suas atividades, e nem ao menos perceber o que realmente acontece na sala de aula em que trabalha. Muitas vezes são tantos alunos, que eles não conseguem dar conta de aprender os nomes deles, tornando quase impossível uma relação mais próxima entre o educando e o professor.

Além de tudo isso, sua vida pessoal também é afetada, passa a não ter mais tempo para conversar com a família, com os filhos, não tem mais uma vida social adequada e essencial para a saúde de qualquer indivíduo, não tem mais lazer e nem tempo de cuidar de si próprio, tudo isso faz com que aumente o estresse, isolamento, tristeza, cansaço, em que muitas vezes pode até acarretar em uma depressão.

A falta de recursos materiais também se caracteriza como um problema vivenciado na prática docente, como também, as condições de trabalho que são insuficientes e inadequadas para realizar sua aula. Todavia, as mudanças tecnológicas adentram na escola por meios dos alunos e da sociedade e nem sempre são disponíveis recursos bons e adequados para desenvolver um ensino-aprendizagem de qualidade.

Por sua vez, a sociedade cobra que seja ensinado e trabalhado essas novas tecnologias, que seja efetuadas aulas mais atrativas, dinâmicas a partir da utilização desses recursos na classe. Porém, algumas instituições não dispõem de computadores, datashow, salas amplas, espaços suficientes para promover atividades diferenciadas.

Ainda são poucas escolas que têm esses recursos, sendo que as que têm ainda não possuem profissionais qualificados e que saibam mexer com essas inovações, o que fica na mesma, ou seja, tem como trabalhar, mas não tem a pessoa física que saiba utilizar. Pois, poucos investimentos foram feitos no que diz respeito à formação continuada dos educandos, e os mesmos ficam à mercê das pressões sociais e do dilema de como realizar seu trabalho.

A questão da relação dos alunos e dos professores também é outro ponto importante de discussão no trabalho docente, pois, vem cada vez mais aumentando a violência contra os

educadores, devido à grande parte dos alunos não terem respeito pelos seus professores. A atualidade é marcada por casos de agressões feitas pelos alunos, sejam elas por meio de palavras ou até mesmo agressões físicas aos professores.

Muitos se sentem com medo e insegurança, principalmente os que trabalham em localidades perigosas e de riscos, os professores lidam com os mais diferentes tipos de pessoas e com isso eles buscam maneiras mais apropriadas para desenvolver seu trabalho, ou seja, mais condizente com a comunidade que faz parte da escola.

3.1 Competências docentes no processo de ensino aprendizagem

Vivemos, hoje, em uma sociedade onde tudo muda de uma hora para outra, as tecnologias estão invadindo o ambiente escolar, ou seja, a sociedade está cada vez se modernizando e os alunos também estão seguindo esse ritmo e trazendo para a sala de aula. A geração de alunos na atualidade não são as mesmas, o que requer do professor muito mais do que conhecimentos, exigindo assim formação adequada, criatividade didática e pedagógica que incentive os alunos.

Diante disso, os professores sentem-se pressionados com essas novas demandas educativas, sentem-se retraídos e inseguros no momento de realizar as atividades docentes, devido a não terem uma formação adequada ou por não existir materiais apropriados para utilizar com a turma.

Perrenoud (2000) em sua obra “Dez novas competências para ensinar” discute algumas competências necessárias para o conhecimento do professor na atualidade, direcionando o trabalho docente para se chegar a resultados eficientes através da organização e planejamento, abrindo caminhos para novas possibilidades. Logo,

Conhecer os conteúdos a serem ensinados é a menor das coisas, quando se pretende instruir alguém. Porém, a verdadeira competência pedagógica não está aí; ela consiste, de um lado, em relacionar os conteúdos a objetivos e, de outro, a situações de aprendizagem (PERRENOUD,2000, p.26).

O professor pode e deve ir mais longe do que utilizar simples textos em sua sala de aula. Requer hoje dos educadores que possibilite caminhos para novas aprendizagens, das quais possam ser utilizadas na prática, ou seja, na sua realidade. E os professores têm essa responsabilidade profissional de ir além do saber pronto, e acompanhar as mudanças que vêm acontecendo no mundo, e conseqüentemente, no espaço educativo. Visto que,

A escola não constrói a partir do zero, nem o aprendiz não é uma tabula rasa, uma mente vazia; ele sabe, ao contrário, “muitas coisas”, questionou-se e assimilou ou elaborou respostas que o satisfazem provisoriamente por causa disso, muitas vezes, o ensino choca-se de frente com as concepções dos aprendizes (PERRENOUD, 2000, p.28).

É nessa perspectiva que o docente deve trabalhar, considerando as experiências que o discente já traz consigo algum conhecimento, do qual não pode ser esquecido e deixado de lado, como algo que não tivesse nenhuma influência no processo de ensino-aprendizagem.

Esse contexto possibilita ao professor conhecer como é o aluno, o que ajuda a abrir caminhos para que possam prosperar e se descobrir como sujeitos da sociedade, bem se sabe que os alunos devem construir seu próprio conhecimento por meio de pesquisas e da instigação por parte do professor que é o mediador do ensino.

A profissão docente enfrenta dia após dia, os dilemas da sua profissão entre eles estão à necessidade de saber lidar com questões cruciais no meio da sociedade como: a violência, as drogas, os preconceitos, as diferenças, abusos sexuais, os direitos e deveres, entre outros temas tão visíveis no meio social, que não devem ser esquecidos jamais pela escola.

O ofício de professor pode abranger diversas dimensões, é inevitável que se busque novas alternativas que possibilitem uma adequação do ensino perante a evolução da sociedade. As competências apontadas por Perrenoud (2000) são elementos básicos para se chegar a um ensino de qualidade, porém sabemos que na realidade as coisas não acontecem dessa forma.

Devido à educação não ter investimentos adequados e necessários que contribuam para atingir tais competências a prática do educador se torna mais difícil, o professor não desempenha algumas das competências discutidas por Perrenoud (2000) por não ser possível colocar em prática, já que a realidade da escola não possibilita a aplicação de tais competências. O professor como o mediador da aprendizagem, fica com a função de improvisar perante os problemas que surgem e de fazer as coisas do seu próprio jeito para alcançar seu objetivo que é tornar o ensino cada vez melhor.

Referente à atuação e as competências docente é necessário compreender que:

Ninguém pode observar e conceituar todas as facetas do ofício do professor, conceber com a mesma precisão e a mesma pertinência todas as competências correspondentes. [...]. As facetas do trabalho pedagógico, as famílias de competências não existem “objetivamente”, elas são construídas, certamente a partir do real, mas também de tramas conceituais e de pré-conceitos teóricos e ideológicos. (PERRENOUD, 2000, p.171-172).

É a partir das vivências diárias que são construídas essas competências, as quais não vão acontecer da mesma forma com todos os professores, pois isso vai variar de uma instituição pra outra. Nem todas as organizações têm as mesmas estruturas, recursos ou oportunidades.

Diante disso, é importante que o educador veja seu trabalho a partir da sua realidade, ou seja, saiba se posicionar, tenha autonomia, utopias e esperanças em relação a sua atividade, buscando sempre novos conhecimentos que ajudem na sua prática. É fundamental enfrentar essa carreira tal como ela é, no intuito de melhorá-la, para desenvolvê-la da melhor maneira possível.

3.2 O papel dos professores na construção de conhecimentos

Por muito tempo vem se investigado sobre o professor, sobre sua prática educacional, mas, muitas vezes essa investigação é realizada de forma desestruturada o que ocasiona uma distorção das questões envolvidas dessa profissão. Diante disso, a formação de professores não pode ser vista como uma prática pronta ou como uma técnica a ser seguida.

O trabalho educativo não se resume apenas em técnicas prontas que aplicadas vão tornar o ensino eficiente. O conhecimento é considerado inacabado e contestado a todo instante, em decorrência das mudanças e exigências sociais, das políticas educacionais e dos os avanços tecnológicos, o que remete a busca incessante de produção de conhecimentos significativos.

Além dos conhecimentos, é necessário que o professor tenha um olhar multidimensional no seu cotidiano de sala de aula.

[...] aprender a ser professor, nesse contexto, não é, portanto, tarefa que se conclua após estudos de um aparato de conteúdo e técnica de transmissão deles. É uma aprendizagem que deve se dar por meio de situações práticas que sejam efetivamente problemáticas, o que exige o desenvolvimento de uma prática reflexiva competente. Exige ainda que, além de conhecimentos, sejam trabalhadas atitudes, as quais são consideradas tão importantes quanto os conhecimentos. (MIZUKAMI, 2002, p. 12)

No entanto, os professores como profissionais que buscam fazer boas práticas de ensino têm que refletir sobre o que acontece na sua ação. Para que então, eles possam mudar de maneira reflexiva na sua prática o que não for suficiente para desenvolver um ensino-aprendizagem com bons resultados.

A racionalidade do sistema educativo, muitas vezes, faz com que os professores se tornem apenas reprodutores das regras do sistema, isto é, submetendo-os a seguir caminhos que a organização educacional acha como certo, porém quem convive diariamente numa sala

de aula, que tem contato com os principais sujeitos do processo, no caso os alunos, são os professores.

Os docentes visualizam em sua prática o que realmente é necessário para realizar um ensino eficiente e de qualidade, “Ser capaz de arriscar é uma das coisas mais inteligentes para mudar. Você não tem de temer o erro. Tem de temer a negligência, a desatenção e o descuido”. (CORTELLA, 2014, p.29).

Diante da capacidade de fazer essa diferença, de transformar a realidade, e de mudar para melhor, construindo um caminho que faça o diferencial, e, se o educador não arriscar, tentar ou investir, com medo de cometer algum erro e com isso ter consequências, com certeza seu trabalho se tornará algo sem sentido, feito de forma não intencional, fingir que nada está acontecendo e contribuir para que tudo continue do mesmo jeito.

A profissão de professor merecia ter um destaque maior. Muito se fala dessa profissão, algumas vezes diferente da realidade do trabalho de educador, as investigações se baseiam em possibilidades que podem ser aplicadas para conquistar o ensino desejado, mas não levam em conta que para que elas sejam inseridas é preciso outras mudanças, como condições de trabalho adequado, um melhor salário, liberdade para que o professor tenha autonomia e possa desenvolver seu trabalho.

Os professores, na maioria das vezes, não têm as condições necessárias para realizar seu trabalho, porém como mediador do saber, agente orientador da educação tem que querer fazer mais, querer transformar a realidade para melhor, tem que ter metas e objetivos a alcançar, pois, a educação não se faz de uma hora pra outra, ela se dá gradativamente, de forma refletida e investigativa. Muitos observam e criticam os erros dos educadores, mas esquecem de olharem além daquela situação presenciada no momento, é necessário ver os motivos que estão escondidos por trás dessa realidade vivenciada por eles.

Na atualidade, as instituições escolares estão passando por mudanças, que levam a necessidade de um novo perfil do professor, que vem como agente da mudança através das suas práticas, cuja deverá acolher às necessidades do novo papel da escola, com suas mais diferentes formas. A reflexão docente está vinculada tanto com o pensamento quanto com a ação das situações diárias da realidade vivida, para que então a reflexão sirva para a liberdade e autonomia do professor em seu trabalho, proporcionando uma maior abertura para que os professores façam mudanças necessárias no meio escolar e no social.

É essencial que o professor seja um profissional que atenda as exigências da sociedade, esteja aberto às mudanças, que saiba escutar, respeitar e entender seus alunos, valorizando seus saberes. O professor mesmo não sendo o único responsável pela qualidade da

aprendizagem do seu aluno exerce um papel significativo nesse processo. O trabalho educativo precisa primar e estimular o aluno a pesquisar, lutar pelos seus direitos, exercendo sua curiosidade e seu pensamento.

A escola e o professor têm que seguir com as transformações, não podendo ignorar e continuar ensinando metodologias fechadas. É preciso que o educador faça seu papel de forma que contribua para o desenvolvimento do ser humano. Muita coisa ainda precisa ser feita para chegarmos a tão sonhada educação de qualidade, como por exemplo: a valorização dos professores, o incentivo a novas formações continuada, uma escola democrática, entre tantas outras mudanças.

4 DILEMAS DA PROFISSÃO DOCENTE

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.

Nelson Mandela

As pessoas reconhecem a prática docente como um mecanismo capaz de mudar o sujeito, é a partir dela que o ser humano vai sendo construído, vai adquirindo conhecimento, se tornando cidadãos conscientes e muitas vezes críticos, capazes de enfrentar os novos desafios da sociedade como dá educação atual.

Diante disso, se espera por parte dos familiares, dos governantes e dos integrantes da instituição escolar que os professores tenham um desempenho cada vez melhor, que sejam capazes de realizar suas práticas educativas de forma eficaz, beneficiando assim um maior rendimento na qualidade da aprendizagem dos alunos. É nessa perspectiva que os educadores são analisados, criticados e julgados, muitas vezes de forma distorcida.

A partir dessas situações vivenciadas pelos profissionais docentes, no qual julgam sua prática sem conhecer a realidade vivenciada por eles, faz com que os professores fiquem desmotivados e desinteressados pela suas atividades diárias, tratando-as como um peso que carregam, tudo isso devido a tantas pressões que colocam em cima deles.

[...]os professores sofrem novas pressões sociais. Já que os resultados escolares dos alunos são importantes para as famílias e para “o futuro do País”, os professores são vigiados, criticados. Vão se multiplicando os discursos sobre a escola, mas também sobre os professores. No entanto, os salários dos professores permanecem baixos e, no Brasil, muito baixos. (CHARLOT, 2013, p.97)

Desse modo, o professor trabalha sobre pressões daqueles que fazem parte do ambiente escolar como os diretores, coordenadores, alunos, pais de alunos, entre outros, que exigem competências eficazes, entretanto, tais exigências são requeridas fora da realidade dos professores, e que não condizentes com a realidade de um ambiente escolar.

Diante dessas exigências os profissionais dessa área como também os futuros educadores já sentem essa pressão, essa desvalorização da profissão docente perante a sociedade. Os professores são rotulados como os únicos responsáveis pela deficiência na qualidade do ensino, pelos alunos não aprenderem, por não terem uma formação mais qualificada, sendo que devem ser lembradas todas as outras questões envolvidas neste cenário. Não fixar apenas na imagem do professor como o sujeito único capaz de mudar toda uma estrutura educacional.

Por todas essas razões, a contradição entra na escola e desestabiliza a função docente. A sociedade tende a imputar aos próprios professores a responsabilidade dessas contradições. Até as práticas pedagógicas cuja eficácia parecia comprovada pela tradição são questionadas e criticadas: começa a ser desprezado o professor “tradicional”. (CHARLOT, 2013. p.98)

É nesse contexto, que se evidencia a imagem do professor tradicional no seu meio social, numa percepção negativa, como se o um professor que ainda trabalha com esses métodos não tivesse capacidade ao ponto de desempenhar uma prática boa e condizente com as necessidades dos alunos. Porém, se sabe que ser um profissional tradicional não significa ser ultrapassado, nada o impede de adquirir mais conhecimentos, que faça uma aula utilizando inovações, que motive os alunos.

Ensinar é um trabalho por vezes, difícil e complicado para se fazer, por demandar muitas competências das quais são adquiridas tanto durante sua formação inicial e contínua, como na sua prática diária. Competências que vão além do saber ensinar “bem”, determinado conteúdo, que estão envolvidas com outras capacidades fundamentais para o processo educativo.

A utilização das tecnologias não é a única solução para os problemas do ensino, se sabe mexer, mas, não sabe a melhor forma de colocar em prática em suas aulas. Todavia é essencial que se tenha uma metodologia que atraia a atenção dos alunos, mas, que proporcione uma aprendizagem significativa. Pois:

Podem inventar tecnologias, serviços, programas, máquinas diversas, umas a distância outras menos, mas nada substituir um bom professor. Nada substituir o bom senso, a capacidade de incentivo e de motivação que só os bons professores conseguem despertar. Nada substituir o encontro humano, a importância do diálogo, a vontade de aprender que só os bons professores conseguem promover. É necessário que tenhamos professores reconhecidos e prestigiados; competentes, e que sejam apoiados no seu trabalho, o apoio da aldeia toda. Isto é, o apoio de toda a sociedade. São esses professores que fazem a diferença. É necessário que eles sejam pessoas de corpo inteiro, que sejam profissionais de corpo inteiro, capazes de se mobilizarem, de mobilizarem seus colegas e mobilizarem a sociedade, apesar de todas as dificuldades. (NÓVOA, 2007, p.18)

Por mais que se crie diferentes e variadas novidades no mundo tecnológico, por mais modernos que sejam, nunca poderão substituir um bom professor na sala de aula, pois, criar algo que possa ser trocado ou que supra todas as funções que um professor exerce na sua prática é quase impossível.

São tantas ações que essa profissão realiza, que fica difícil que qualquer invenção criada possater todas suas características ao mesmo tempo. O diálogo é uma das ferramentas

essenciais utilizadas pelo professor, na qual é impossível ser trocada por alguma outra coisa que não seja feita através do contato físico, pois, com certeza, não teria o mesmo resultado.

Desse modo, é importante que se tenha uma nova visão do valor desse trabalho para o desenvolvimento da sociedade como um todo. Visão essa de valor que inicie primeiramente por parte dos próprios professores, que eles mesmos se valorizem, para que então as outras pessoas possam acreditar e dar o devido valor que um professor merece.

Muitos professores não tem uma liderança ou iniciativa para mudar sua realidade, eles vivem apenas seguindo as regras e cumprindo seus papéis, sem ir contra o sistema, com medo de perder o emprego, de ser substituído, ainda tem professores que são contratados por governantes municipais, que vivem a mercê de uma política ameaçadora, na qual os professores ficam submetidos a cumprir o que se pede, ganhar menos do que merece, sem poder fazer nada, evitando ao máximo entrar em conflitos, já que podem perder o emprego .

E é dramática uma segunda coisa que também não gostamos de falar. É que os professores têm poucas lideranças profissionais. Têm lideranças sindicais, lideranças diversas, mas há pouca liderança profissional. Uma grande maioria dos melhores professores das escolas portuguesas vive escondida dentro das escolas. Isto é, sobrevivem por conta de uma espécie de apagamento, e de uma espécie de isolamento para não arranjam problemas. (NÓVOA, 2007,p.17)

Diante disso, os movimentos realizados para garantir os direitos dos docentes ficam enfraquecidos, enquanto alguns professores param para fazer greves, paralizações, com o objetivo de melhoria salarial, de uma melhor estrutura para a realização da ação educativa, outros continuam ministrando aulas, outros param, porém, ficam em casa e não vão para os movimentos, dando pouca importância para essas reivindicações.

São poucos educadores que lutam, entretanto, quando se consegue algo de bom para os docentes os benefícios são para todos, ou seja, serve pra todos os profissionais docentes que participam ou não dos movimentos. O que é injusto, já que essas manifestações não ganham a força e a ajuda de que necessita, para contribuir e conseguir novos recursos que o meio educacional tanto precisa. Vemos assim, uma classe desunida, individualista, porém, bem sabemos que as mudanças na profissão docente só irão acontecer se houver a união de quem dela faz parte.

Pois, se não existir um fortalecimento grupal , que estejam direcionados para os mesmos objetivos, o trabalho docente continuará certamente com os mesmos problemas. O que se pode ver é movimentos criados, sendo que há pouca participação de representantes professores, o que há mais são sindicalistas escolhidos, e por acharem que eles já representam e lutam por

melhorias, os próprios professores não se interessam ou não se empenham para dar sugestões, para tomar iniciativa, para fazer qualquer coisa que transforme sua realidade, já que há outros que façam.

Neste caso, torna-se inevitável e relevante que haja uma maior união de todos dessa área, para que realmente se possa conquistar o que tanto se deseja, que antes de tudo é um reconhecimento e valorização profissional.

Entretanto, para se ter realmente professores completos, que detenha de todas as funções fundamentais para esse trabalho, é importante que eles sejam reconhecidos, e antes de tudo sejam apoiados, pois, sem o apoio das partes envolvidas no processo educacional, com certeza, o trabalho docente não terá um impulso suficiente para se conseguir o progresso necessário.

Sabemos que os problemas atuais da escola e da profissão não nos autorizam a cultivar ilusões. Mas sabemos também que denunciar as ilusões não significa renunciar á esperança, á pedagogia da esperança de que nos falava paulo Freire. É ela, em definitivo, que nos alimenta como pessoas e como educadores. (NÓVOA, 2007,p.18)

As dificuldades encontradas na escola e na profissão docente são várias, muitos professores se sentem desestimulados, não acreditam que ainda há tempo de transformar a realidade atual, de ir atrás de seus direitos, de lutar por melhorias, isto é, já estão conformados com a situação vivenciada.

No que diz respeito a educação, é fundamental que se tenha pensamentos positivos, com esperança de dias melhores, para que então se consiga fazer a diferença. Desistir do hoje, é o mesmo que desistir de um futuro melhor. Todavia, já podemos ver grandes mudanças no que diz respeito à carreira docente, mas, muitas questões ainda devem ser discutidas e reivindicadas para melhorar essa profissão que é sobrecarregada de atividades, o que causa um mal-estar profissional, mas que, é tão bonita, séria e importante para o progresso da humanidade.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta temática teve como objeto de estudo a Formação, Trabalho e Dilemas da Profissão Docente, a pesquisa visou os seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL:

- Analisar a formação, trabalho e dilemas da profissão docente nos anos iniciais do ensino fundamental.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir as concepções da formação docente e suas exigências na contemporaneidade;
- Refletir o trabalho docente e sua relevância no processo de construção do conhecimento;
- Investigar os dilemas da profissão docente no exercício profissional.

5.1 Tipo de Pesquisa

O estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa:

[...] Pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que encontra o objeto de pesquisa. (OLIVEIRA,2008, p.60)

Ainda referente a pesquisa qualitativa Gonsalves (2001, p.68) assinala, “[...] a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão à suas práticas [...]”.

Assim, a partir desse tipo de pesquisa é que se pode interpretar e analisar as informações coletadas. Que ao interpretar pode ter uma visão mais clara do fenômeno estudado, obtendo assim, um maior esclarecimento em relação ao tema discutido.

Visando aprofundar este estudo foi realizado um levantamento bibliográfico, objetivando:

[...] Resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque/ou perspectivas foi tratada o assunto apresentado na literatura científica. (BOCCATO, 2006, p.266)

A pesquisa realizada foi do tipo exploratória: “[...] que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. (RICHARDSON, 1985, p.65). No qual proporciona conhecer melhor o tema em estudo, possibilitando, compreender o contexto da formação, do trabalho e dos dilemas da profissão docente.

5.2 Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola Estadual de Ensino Fundamental, localizada na cidade de Cajazeiras - PB, com cinco professoras que lecionam nos anos iniciais do ensino fundamental.

5.3 Instrumentos de Coleta de Dados

Nesse trabalho, foi utilizada como instrumento de coleta uma entrevista semiestruturada que de acordo com Manzini (1990/1991, p.154): “A entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”.

A entrevista nos dá à possibilidade de completar com outras indagações em relação às perguntas antes feitas, obtendo respostas mais claras e elaboradas.

A entrevista contém dez perguntas e algumas questões dos dados pessoais de identificação das professoras investigadas, (**Apêndice A**). Essas questões estão associadas com a temática desse estudo, no intuito de estabelecer uma visão mais específica e objetiva de modo que venha obter maiores esclarecimentos sobre a concepção das professoras, no que diz respeito às situações que envolvem a carreira docente.

5.4 Análise dos dados

Por fim, efetivou-se à análise dos dados a partir das falas dos sujeitos da pesquisa, as quais foram analisadas com base nas reflexões elaboradas durante o estudo. Segundo Gil, (1999, p.168).

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura de sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

A análise dos dados torna possível interpretá-los, confrontando o referencial teórico com as respostas obtidas com as professoras. Para esse momento utilizei autores que dialogam a respeito da profissão docente, bem como tudo que de uma forma ou de outra está no meio educacional.

5.5 Caracterização do *locus* de Pesquisa

A escola funciona nos turnos manhã, tarde e noite, atendendo o ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Possui trezentos e treze alunos, divididos entre os turnos manhã, tarde e noite.

O corpo administrativo e docente é formado por uma diretora, que tem formação em História, com Especialização em Metodologia do Ensino e uma vice-diretora com Licenciatura em Ciências; uma coordenadora pedagógica com formação em Pedagogia, um secretário que cursa Educação Física e nove professoras. Sete das docentes tem o curso de Pedagogia, um em História e uma apenas com o Ensino Médio. Além disso, tem os outros funcionários como: três merendeiras, quatro auxiliares de serviços gerais, um porteiro, dois vigias, uma auxiliar de secretária, dois auxiliares de informática, um bibliotecário e quatro inspetores.

Possui uma boa estrutura física, é composta por quatro salas de aula, todas amplas e arejadas com ventiladores. Três banheiros, dois para os alunos e um para os funcionários. Tem uma sala de computação, ampla, com ventiladores, ar-condicionado, cadeiras adequadas, possuem vários computadores todos bem equipados, com internet, a frequência dos alunos se dá de forma diária, onde cada turma tem um dia específico para o uso dos computadores.

Dispõe de uma sala específica para o Atendimento Educacional Especializado (AEE), com um profissional especializado para fazer o atendimento a alunos que têm alguma

dificuldade de aprendizagem. Referente ao acesso, na entrada da escola existe uma rampa, a qual permite e facilita o acesso dos alunos especiais, porém é notório lembrar que as salas de aula não têm rampas, o que faz com que a acessibilidade seja incompleta e insuficiente.

Dispõe de outra sala onde funciona a diretoria e a secretaria da escola, espaço para resolver às questões pertinentes à escola. A biblioteca fica em um ambiente repartido por estantes no corredor, pois, a escola não tem outra sala disponível para colocá-la. A mesma é composta por um acervo de livros, dos quais, estão disponíveis para os alunos, professores e funcionários da instituição.

A escola dispõe de bons recursos materiais, diversos jogos pedagógicos, de uma área recreativa no lado externo da escola que está disponível para a realização das recreações dos alunos. Tem um datashow, uma TV, um retroprojeto, um vídeo, microsystems, três notebooks, um mimeógrafo, uma caixa de som e uma impressora, disponível para as atividades planejadas pelo professor, no intuito de inovar a prática docente, realizando aulas mais dinâmicas e interativas.

A escola trabalha com diversos programas como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID, onde alunas do curso de Pedagogia têm a oportunidade de conhecer mais de perto a função docente e de poder contribuir com as dificuldades de leitura e escrita dos alunos das escolas públicas através do plantão pedagógico.

Faz parte da escola também o Programa Mais Educação que trabalha com atividades em horário oposto às aulas, com o objetivo de trazer o aluno de forma integral para o ambiente escolar, por meio de oficinas de dança, letramento e inclusão digital.

Outro programa que existe é Os Primeiros Saberes da Infância, que atende as turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, através de uma sequência de assuntos especificados por bimestres.

O Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) é um dos programas que a escola participa, cujo objetivo é alfabetizar as crianças do 1º ao 3º ano do ensino fundamental até 8 anos de idade, para isso, realiza formação continuada com os professores participantes.

Também tem o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD), que está na escola há cinco anos, que trabalha no intuito de prevenir sobre o risco do uso das drogas, participam os alunos do 5º ano e seus familiares.

Existem os projetos internos como a Informática na escola, que foi posto em prática a partir da aquisição dos computadores e da implantação do laboratório de informática pelo Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO). Projeto Família e Escola: unidos pela paz respeitando as diversidades, como forma de amenizar e trabalhar os conflitos e a

violência vivenciados na escola. Durante todo o ano são desenvolvidos os projetos relativos às datas comemorativas tanto do município local como também comemorados nacionalmente.

A instituição dispõe do Projeto Político Pedagógico (PPP), o qual foi atualizado no ano de 2014, pelos professores, pela coordenadora, diretora e funcionários. Ele é construído de forma organizada para ser trabalhado durante todo o ano e elaborado pensando nas ações e metas que se querem alcançar na escola, levando em conta toda a instituição escolar.

Os dados obtidos na escola foram de grande contribuição para a realização desse trabalho, na qual possibilitou conhecer de forma mais clara a atuação docente, e ampliar o conhecimento em relação ao cotidiano vivenciado por essa profissão.

Este estudo monográfico analisou os procedimentos éticos exigidos para a realização de uma pesquisa, com a finalidade de preservar a idoneidade e sigilo dos participantes desse estudo.

O referido estudo cumprirá as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa. Envolvendo Seres Humanos (196/96) editadas pela Comissão Nacional de Saúde, onde dispõe na terceira diretriz acerca da implicação da Eticidade da pesquisa.

No capítulo seguinte será abordado às reflexões realizadas em torno dos resultados obtidos na coleta de dados, discutindo de forma clara sobre a formação, trabalho e dilemas da profissão docente, a partir de um confronto entre o que pensa as professoras e os autores, de modo que haja um diálogo e entendimento acerca do assunto.

6. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

A referente pesquisa teve a participação de cinco docentes, os dados coletados possibilitam refletir e analisar a realidade vivenciada pelas professoras entrevistadas, referente à temática formação, trabalho e dilemas da profissão docente.

Tabela 1: Perfil dos docentes dos anos iniciais do ensino fundamental de uma Escola Pública, da cidade de Cajazeiras - PB

Variáveis	Professora A	Professora B	Professora C	Professora D	Professora E
Idade	48	48	35	45	39
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Formação Acadêmica	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia
Pós-Graduação	Metodologia do ensino	Metodologia do ensino	Psicopedagogia	Metodologia do ensino, Ciências da Educação, é Mestre em Ciências da Educação	Psicopedagogia
Tempo de atuação no magistério	27 anos	23 anos	17 anos	20 anos	15 anos
Tempo de atuação na escola	10 anos	10 anos	03 anos	12 anos	03 anos
Carga Horária	40hrs	40hrs	40hrs	60hrs	40hrs
Anos que leciona	3° ano	2° ano	4° ano	5° ano	3° ano
Tipo de vínculo empregatício	Comissionado	Concursado	Concursado	Comissionado	Concursado

Fonte: Entrevista com professores dos anos iniciais do ensino fundamental, 2015.

De acordo com os dados coletados, observa-se que as professoras têm idade entre 35 a 48 anos, com predominância de faixa etária nos quarenta, todas são do sexo feminino, algumas professoras estão na escola há três anos e outras já trabalham há mais de dez, mas já atuam na profissão docente há mais de 17 anos. Possui formação acadêmica em Pedagogia com especialização pertinente a sua área de atuação, o que é importante para o trabalho docente, sendo que uma tem mestrado em Ciências da Educação.

A formação contribui para o desempenho da prática docente, é uma forma de investir na qualidade e no desenvolvimento da ação educativa. Também, pode-se verificar através da tabela 01, que suas formações são na área de Pedagogia, o que comprova uma qualificação adequada com nível superior para atuar na educação básica, com formação direcionada para

os anos iniciais, o que é importante para o bom andamento da aula e dos alunos, já que eles possuem subsídios especiais para saber lidar com essas turmas.

As perguntas feitas às professoras foram pautadas no tema: Formação, Trabalho e Dilemas da Profissão Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma Escola Pública, no intuito de obter uma maior clareza sobre a profissão docente.

Inicialmente foi perguntado às professoras: **Qual a sua concepção sobre a formação inicial?** De acordo com as falas das entrevistadas a formação inicial é:

Muito importante, porque quando tem à formação a gente tem a teoria, quando vem pra escola você vai associar a formação que você teve lá na universidade com a prática [...]. (Professora A)

É muito importante, pois, o professor não pode ir para a sala de aula sem ter nenhum conhecimento, um subsídio para desenvolver sua prática. (Professora B)

Eu acho importante para iniciarmos nossa prática docente, com uma base bem estruturada, pois é o início de tudo, então temos que saber como dar o primeiro passo. (Professora C)

Bom, formação inicial é muito importante, por que é a partir dessa formação que você vai construir seu conhecimento, vai dar um direcionamento na sua vida profissional, então todo o professor tem que ter uma formação mesmo que ele tenha terminado o nível médio ou o antigo pedagógico, que hoje é o normal nível médio, mas ele precisa de uma formação sempre. A formação inicial é muito importante porque a partir desse momento você vai se decidir ou planejar qual curso você quer seguir qual carreira você quer se consagra, vamos dizer assim, por que o magistério não é pra todos, eu acho que são pra aqueles que são escolhidos, você tem que se identificar com o magistério, então a partir da formação inicial é que você se descobre enquanto pedagogo, como historiador ou como geógrafo em fim. (Professora D)

A formação inicial tem sua importância para os professores, é um meio de se qualificar, para sermos profissionais qualificados. É muito bom ter essa formação, pois não temos como entrar em uma sala de aula sem pelos menos ter uma formação inicial. (Professora E)

A partir dos relatos das professoras, constata-se que todas consideram importante o professor ter uma formação inicial para entrar em uma sala de aula, como subsídio para garantir um ensino de qualidade e uma prática mais eficaz. Diante disso, a preocupação com a formação inicial do educador é fator primordial para o bom andamento da educação e da profissão docente.

Pois, é a partir de uma qualificação inicial que se pode conhecer mais de perto como é realmente a profissão de um professor. É muito complicado iniciar uma prática educativa sem uma base teórica, sem ter nem ao menos um conhecimento mais profundo da profissão que se quer seguir. Portanto, a formação inicial é, “[...] a instância primeira de formação no nível universitário para o exercício da profissão, na qual se certifica a preparação do professor como profissional”. (RAMALHO; GAUTHIER; NUÑEZ, 2004, p.97)

A formação inicial é uma preparação para o início da carreira docente, não sendo suficiente para desenvolver durante todo o tempo a profissão de professor, já que vivemos

numa realidade que requer cada vez mais profissionais qualificados, mais especializados, para da conta de toda a demanda que a sociedade solicita.

Logo, a formação continuada é fundamental para manter os professores atualizados. Pois, os saberes conquistados ao longo da vida acadêmica e profissional servem para compreender cada vez mais os percalços que envolvem essa profissão.

Então, para ter uma visão mais clara sobre a visão das professoras entrevistadas sobre a formação, questionei: **Qual a sua concepção sobre a formação contínua? Considera importante?** Segundo as professoras entrevistadas, a formação contínua é:

Muito importante, porque a gente não pode fazer só a formação inicial e parar no tempo, é importante sempre esta mudando, e a gente tem que inovar procurar coisas novas, então a formação continuada deve sempre existir. (Professora A)

Muito bom, vale mesmo o professor ter essa formação continuada, é sempre bom o professor estar se atualizando. É importante ter uma formação continua, tem que ter essa formação para ter subsidio para dar suas aulas. (Professora B)

É importante para estar adquirindo novos conhecimentos, pois, através deles nós vamos atualizando nossa prática como professora, porque o professor deve sempre estar se atualizando no seu dia-a-dia, com as mudanças atuais que vem acontecendo, temos que estar por dentro de tudo que esta acontecendo no mundo. (Professora C)

Sim, a formação continuada é importante porque o sujeito enquanto construtor de suas ações de suas atitudes, ele tem que buscar, sempre buscar, por ser formador vamos dizer assim. As pessoas ficam acomodadas e no entanto não tem que se acomodar, as pessoas tem que buscar. Eu acredito que a formação continuada é importante pra nos profissionais porque ele vai dar um norte vai mostrar como lidar no dia-a-dia. Não é porque você tem uma formação que você vai ter que parar não, porque muitas pessoas que terminam o curso superior se acomodam. Na verdade você tem que buscar sempre, não é porque você terminou no sentido figurado “ me formei”, e você para e não vai busca mais nada, você sempre tem que estar em constante pesquisa , estar sempre buscando algo, por que as coisas a cada dia se mostra as claras, coisas novas, novidades no mercado, então o professor tem que estar a pá daquilo ali , ele também tem que se desenvolver, porque se ele parar ele fica pra trás. Então é ai onde se encaixa a formação continuada, que o professor não tem que se acomodar, e nem dizer que não vai fazer, ele tem que procurar fazer para ele se qualificar, é uma qualificação momentânea, a todo momento ele está se formando, porque aquele conhecimento que até então era novo ali se fez velho , e a partir do momento que ele adquiri mais conhecimentos ele vai ter uma elaboração das suas atividades e atitudes em fim, construir coisas mais elaboradas. (Professora D)

Sim, considero muito importante, pois posso trocar minhas experiências com meus colegas de trabalho e também posso aprender um pouco mais com as experiências deles. O bom nisso tudo é que podemos fazer essa troca. Fora que aprendo coisas novas, o que me ajuda muito na sala de aula. Embora as formações hoje em dia não estão muito atrativas, as vezes repete a mesma coisa, é importante, que seja feita de outras formas, com novidades pra ver se gostamos mais. Mas é muito importante estar tendo essa formação continuada, é um investimento que é nós proporcionado para podermos trabalhar com ênfase na sala de aula. (Professora E)

De acordo com as falas analisadas, conclui-se que as educadoras demonstram relevância pela formação contínua, julgam importante o professor estar se formando, sempre buscando conhecimentos novos, sempre indo à busca de melhorias para a sua prática profissional. Pois: “O mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa de seres humanos. É tarefa, por excelência, de educadores”. (RIOS, 2001, p.24)

Percebeu-se assim, a responsabilidade desses profissionais perante sua profissão em admitir que a formação continuada é uma das formas para melhorar o desempenho da educação. Uma das educadoras relata que os educadores não podem se acomodar na sua formação, pois o conhecimento é momentâneo, as coisas mudam de forma rápida, e quanto mais se conquista o conhecimento melhor ele desenvolve sua ação diária.

Esse ponto de vista mostra o quanto à formação contínua propicia condições para o professor na sua prática educativa, indo além do seu limite, conquistando saberes que sem formação não conheceriam. Ficar apenas com a formação inicial é o mesmo que parar no tempo, é fingir que nada está acontecendo no mundo, como se tudo continuasse a mesma coisa de dez ou vinte anos atrás.

Entretanto, já que o mundo vive em constante mudança, os professores não podem continuar com a mesma prática pelo resto de suas vidas, como diz Rios (2001) ampliar o conhecimento é fundamental para qualquer pessoa, principalmente para um educador, que tem como função formar os cidadãos. Levando em conta isso, como é possível ainda ter professores que acham as formações uma perda de tempo? Se na verdade o conhecimento é essencial para nossas vidas e para o progresso da sociedade.

Todavia, sabemos que muitas formações ainda estão sendo trabalhadas de maneira repetitiva, muitas vezes até desatualizada, não condizente com a realidade vivida em uma sala de aula. Com isso, muitos professores reclamam e até se sentem desmotivados para progredir com nova formação, já que não se sentem estimulados. Logo:

A formação contínua deve contribuir para a mudança educacional e para a redefinição da profissão docente. Nesse sentido, o espaço pertinente da formação contínua já não é o professor isolado, mas sim o professor inserido num corpo profissional e numa organização escolar. (NÓVOA, 2002, p.38)

Percebe-se a necessidade de se investir em mais formação continuada, mas, que elas sejam condizentes com a realidade atual do professor, e não de forma precária só pra dizer que está sendo realizada. Pois, uma formação insuficiente e que não auxilia o professor de maneira concreta na sala de aula de nada vai adiantar, e às vezes pode até atrapalhar o desempenho das suas aulas.

Prosseguindo as perguntas questioneei as professoras: **Você considera o trabalho docente uma profissão ou uma vocação?** Segundo elas:

Eu acredito que seja as duas coisas, é uma profissão porque você teve essa formação, pra poder ensinar, não é qualquer pessoa que pode trabalhar com a docência, ser professora, e é uma vocação porque se você não gostar

do que faz, você sempre vai fazer as coisas sempre mal feitas, com mau vontade, então eu acredito que tem que ser as duas coisas juntas. (Professora A)

Eu acho que é uma vocação, porque não é todo mundo que quer trabalhar não, tem que gostar e amar o que faz. (Professora B)

Como uma vocação, com certeza, lógico que é uma profissão também, se eu não tivesse vocação pra ser professora eu já teria desistido, eu amo ensinar. (Professora C)

Uma vocação eu acho que não, vocação não é, eu creio que temos afinidades com essa profissão, porém, é uma profissão como qualquer outra, ganhamos para exercer essa profissão, então é um trabalho que devemos ter compromisso, cuidado e respeito, envolve o amor sim, mas não está relacionado com a vocação não, pois, temos que se formar e estudar para realizar uma prática docente. (Professora D)

Profissão pra quem considera que é um trabalho remunerado e não apresenta amor pelo que faz. E vocação para aqueles que sentem que tem vocação para se está em uma sala de aula por amor e prazer de está ali. Gostando de fazer o que faz. No meu caso considero uma vocação, pois gosto do meu trabalho. (Professora E)

Diante das respostas predomina o trabalho docente como vocação, percebe-se um grande apreço das professoras pela profissão que exercem, o que é bom para o desempenho da suas práticas diárias, como também para sua vida pessoal já que trabalham no que gostam.

Por outro lado, a maneira de considerarem o trabalho docente como uma vocação, na qual é exercido com amor, afeto e dedicação como está descrito nas suas falas, não é o caminho mais adequado para realizar essa profissão. Já que, essa perspectiva de considerar o trabalho docente como vocação pode negar a identidade profissional do professor, é como se ele apenas estivesse fazendo uma doação de suas aulas e que não precisasse ter um salário digno.

Porém, qualquer trabalho necessita ter seu reconhecimento e dedicação, não importa qual ele seja, no entanto, a sociedade bem como alguns professores ainda tem uma visão equivocada em relação ao trabalho do docente. Só que:

O “ser professora” não aparece nas vidas das professoras de forma naturalizada. Desmistificar o discurso de que para ser professora é preciso nascer com um “dom”, “ter vocação” é um importante ponto de partida para percebermos o quão complexa é esta profissão, os caminhos que envolvem a opção inicial ou não pelo magistério e a identificação com a profissão. (JESUS, 2000, p.24)

De acordo com essa concepção, é necessário aprofundar essa ideia de que o professor trabalha por vocação, que já nasce com esse dom, pois, se isso fosse verdade, os professores não precisariam se preparar, fazer diversos cursos, já que eles já nascem com o jeito de ser professor.

As pessoas não podem continuar com uma visão distorcida dessa profissão. Pois, ter afinidades, gostar de desempenhar sua função, isso é naturalmente normal em qualquer trabalho. Porém, é preciso ganhar um salário para exercer essa profissão, se para trabalhar

nela é essencial que estude, se forme, então ela não pode ser considerada uma profissão vocacional, pois, não se nasce sendo professor, é preciso se qualificar para tal ação.

Com essa visão podemos clarear nossos pensamentos e compreender que apesar dos professores possuírem afinidades, gosto e amor pelo que fazem, eles também tem suas necessidades, precisam de um bom salário, ter condições dignas de trabalho. O seu trabalho assim como os outros que são reconhecidos requer de uma certa estabilidade, todo trabalhador necessita de uma renda para manter sua vida profissional como principalmente sua vida pessoal.

Analisando essa situação, sentimos certa desvalorização em relação ao professor, como se essa profissão fosse apenas direcionada ao cuidado, ao carinho, ao afeto, esquecendo que essa profissão é muito ampla. O educador não está na escola apenas para cuidar de seus alunos enquanto seus pais trabalham, ele não é babá, ele merece respeito por todo o compromisso que ele tem com o progresso da sociedade e com a formação dos cidadãos que dela fazem parte.

Por que trago esses casos? Por observar ainda e com frequência, nas pesquisas e no cotidiano, seja nas falas das crianças, das profissionais entre si e destas com os familiares a permanência de um título sem valor, prêmio de consolação de uma trajetória que já teve status, prestígio social: O chamamento de tia. Há anos me pergunto por que as professoras em geral e as de educação infantil em particular não se incomodam em abrir mão da sua identidade e de se esconder num anônimo lugar. (KRAMER, 2002 p.126)

Os professores são profissionais da educação, e como tal deveriam ser chamados de professor, não deve ser tratado uma pessoa que se dedicou anos de estudo para realizar uma prática docente de tia, pois:

[...] A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos mas não se pode ser autenticamente professora mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos. (FREIRE, 1997, p.9)

Portanto, só é tia quem é da família, para ser tia basta apenas ter um sobrinho, não é necessário ter nenhuma formação específica para exercer tal função. No entanto, para ser

professor é essencial tantas coisas, envolve diversos saberes que não pode e não deve ser resumido ao dom, a vocação ou a uma titulação de tia.

Diante disso, percebemos a importância de rever certas atitudes e pensamentos cometidos até pelos próprios professores, para que a classe do professorado venha a ganhar força e respeito perante as pessoas que compõem a sociedade. Para isso, torna fundamental que os professores defenda sua classe e se unam em prol da qualidade e valorização dessa profissão.

Posteriormente questionei se: **O trabalho docente na atualidade é reconhecido pelos pais e sociedade?** Segundo as respostas obtidas:

Alguns, a gente ver que está um pouco a desejar, era pra ser muito, muito reconhecido, principalmente pelos governantes e também de modo geral pelos pais e sociedade, tem que ter mais esse reconhecimento, porque eu acho que é importante, porque estamos formando, educando pessoas, então tem que ter esse reconhecimento por parte da comunidade. (Professora A)

Nem tanto, tem pais que cooperam direitinho, têm outros que não faz conta, embora a gente saiba que a escola tem que andar de mãos dadas com as famílias, mas aos poucos fazendo esse trabalho poderemos chegar lá. (Professora B)

Não, eu acho assim, falta um pouco de parceria com a família, muitas famílias colocam os alunos na escola e não reconhecer o valor que tem a escola, realmente só faz jogar, então falta essa parceria família e escola. Em relação aos pais como toda regra tem exceção pra essa resposta também, tem muitos pais que valorizam o professor, reconhece quando aquele aluno não sabe ler e chega à escola e aprende, até agradece é isso nos deixa feliz, mas, tem outros que não vem nem na escola, aí quando chega o final do ano que esse aluno não passa, aí eles sabem em um instante aparecer e desvalorizar o professor, dizendo que a culpa não é do aluno é do professor. (Professora C)

Na atualidade é muito difícil, olha, você faça o seu trabalho e não vá esperar que ninguém reconheça não, por que nós não somos reconhecidos, nós só somos reconhecidos naquele momentinho ali, depois passou, acabou, e muitas das vezes passa despercebido. [...], o nosso trabalho em si não é bem visto, porque se fosse bem visto nos seríamos bem tratados, respeitados, como tal, eu vejo que o professor não tem nenhum respeito, porque começa pelas nossas autoridades que não tem nenhum mínimo de respeito por nós, a cada dia é querendo acabar com a atuação do professor, então o professor é visto como um sujeito qualquer, um objeto qualquer, até porque, eu acho que nós incomodamos, porque nós formamos opiniões, então, a partir do momento que nos fazemos o outro enxergar o mundo de outra forma, que ele pode transformar esse mundo, aí incomoda, aí essa incomodação é que machuca o outro e isso faz com que nós enquanto professores sejamos punidos, então o professor não é bem visto, eu pelo menos considero que o professor é visto como nada, agora se fosse um médico, um Juiz, aí sim o status lá em cima, apesar de que o médico e o Juiz está ali porque passou pelas nossas mãos. (Professora D)

Pouco reconhecida, pois, às vezes tira o papel do professor para atribuir outros papéis que muito das vezes não cabe ao profissional. Não é só os pais que atribui isso não, a sociedade também, posso dizer e levar a questão de um profissional da saúde especificamente da área odontológica que quando vão a escola traz uma ficha para os professores preencherem com o nome dos alunos e fazem só o atendimento, então temos que deixar o que estamos fazendo para fazer um trabalho que é de sua assistência, isso eu acho um absurdo. Esse profissional poderia pegar o diário do professor e pedir para a sua assistente fazer esse trabalho e não atrapalhar a aula do professor com essas coisas do tipo. Assim, vemos como outras áreas profissionais são mais reconhecidas, enquanto eles não fazem um trabalho que um professor na sala de aula faz. (Professora E)

Podemos constatar na fala das professoras a desmotivação que elas têm em relação ao reconhecimento dos pais e da sociedade diante do trabalho docente. Cada vez mais presenciamos uma separação família/escola, o contato entre pais e alunos se tornando ainda

mais difícil, e quando há esse contato ele não acontece da melhor forma, geralmente os pais e a sociedade cobram por resultados imediatos e satisfatórios pressionando os professores, porém, nada fazem para que isso aconteça.

Pode-se constatar a partir das falas das docentes que muitos pais ainda não frequentam a escola, embora tenha exceções, no entanto, aparecem apenas para reclamar, saber por que o filho não passou ou por que tirou alguma nota ruim, sendo que tiveram o ano inteiro para acompanhar os estudos e a aprendizagem dos seus filhos, colocando sempre a culpa no professor.

De facto o trabalho do professor é sempre apreciado num sentido negativo. Se o professor faz um trabalho de qualidade, dedicando-lhe uma maior número de horas, para além das que figuram no seu horário de trabalho, é raro que se valorizem esse esforço suplementar: no entanto, quando o ensino fracassa, por vezes devido a um acumular de circunstâncias incontroláveis. O fracasso personaliza-se imediatamente no professor. Se tudo corre bem, os pais pensam que os filhos são bons estudantes. Se as coisas correm mal, pensam que os professores são maus profissionais. (ESTEVE, 1995, p.105)

A sociedade busca resultados positivos, querem que os professores deem conta de todo o processo de ensino sozinho, que cuide, eduque, seja psicólogo, enfermeiro, entre outras coisas, sem ao menos intervir e ajudar para que isso aconteça, esquecendo que há vários fatores que favorecem ou desfavorecem o processo de ensino e aprendizagem, e que mesmo o professor querendo fazer a diferença, de forma comprometida, responsável, sozinho ele não dá conta.

É importante uma união entre os pais e professores, uma relação mais próxima, de respeito mútuo, para que realmente possa acontecer um verdadeiro progresso na educação, como também na qualidade do ensino, o que causará em um melhor desenvolvimento para a sociedade. Sem esse trabalho em conjunto, com certeza, os resultados almejados nunca serão alcançados, já que há uma divisão entre as partes envolvidas.

[...]os professores sofrem novas pressões sociais. Já que os resultados escolares dos alunos são importantes para as famílias e para “o futuro do País”, os professores são vigiados, criticados. Vão se multiplicando os discursos sobre a escola, mas também sobre os professores. No entanto, os salários dos professores permanecem baixos e, no Brasil, muito baixos. (CHARLOT, 2013, p.97)

Cobrar é fácil, colocar pressão nos professores também, mas, a maioria das pessoas não conseguem entender o que de fato está envolvido em um processo de ensino e aprendizagem. São muitas facetas que merecem serem discutidas pela população no geral, não é o simples

fato do aluno aprender ou não, ou do professor ser bom ou ruim, há muitas coisas que prejudicam o bom andamento de uma aula, de uma educação de qualidade, o professor não pode ser o único responsável pelos altos e baixos na educação e resolver todos os problemas que surgir.

É preciso um maior incentivo e respeito por parte dos governantes e da própria classe de professores, não podemos deixar que esses pensamentos negativos sobressaiam nessa profissão. Pois se os próprios professores não se derem valor, se retratando como se fossem nada na sociedade, com certeza, o respeito tão esperado por essa classe trabalhadora nunca será conquistado.

Cada trabalhador merece respeito e tem sua utilidade na sociedade, porém, costumam colocar determinadas profissões no patamar mais alto, como se fosse os únicos que tivessem valor para o desenvolvimento do mundo. No entanto, todas as profissões, sem exceção, são decorrência do trabalho de um professor, tudo que os profissionais das diversas áreas sabem foi um dia ensinado por um professor, que de uma forma ou de outra está envolvido com essas áreas tão disputadas e valorizadas pela população.

Profissionais que se dedicaram toda sua vida em estudos, que vivem a investir na sua prática diária em busca de novos conhecimentos, para poder trabalhar como professores qualificados, não podem ser diminuídos, muitas coisas merecem ser refletidas e revistas no campo educacional, principalmente, mais do que ninguém a classe dos professores deve se unir e começar a fazer a diferença por eles, dando mais valor, respeito e defendendo acima de tudo essa profissão que é tão importante e necessária.

Dando continuidade à entrevista, indaguei: **Você se sente motivado para desenvolver suas atividades docentes em relação ao salário? E as condições de trabalho? Aos recursos materiais?** Responderam que:

Ao salário não, mas como eu falei antes, se eu tenho vocação e se gosto do que faço, se tenho responsabilidade por aquilo que eu faço, eu vou fazer como é pra ser feito não fazer uma coisa assim só pra cumprir horário, estar ali cumprindo um horário, não, estou fazendo porque eu tenho vocação e gosto de fazer o que eu faço. Já em relação as condições ou materiais não, sempre tem alguma coisa que deveria melhorar todos os aspectos, desde a ambientação da sala de aula, mais materiais, que a gente precisa de material didático mais um pouco, e na conjuntura do todo o conjunto, desde a portaria até a sala de aula, eu acho que deveria assim mudar um pouco. (Professora A)

O salário não é muito bom não nem, pelo trabalho que nós fazemos, mas, de qualquer maneira assumimos uma responsabilidade e temos que cumprir com aquilo que assumimos, com o nosso compromisso. Em relação às condições de trabalho sim, pois, as salas são amplas, temos materiais, na sala de informática também trabalhamos toda semana. Então quanto aos recursos aqui temos bastante coisas. (Professora B)

Sinto sim, eu acho que o salário é só uma remuneração, se a gente for trabalhar apenas pelo salário nós não iríamos trabalhar, a gente trabalha pelo amor, carinho e dedicação que a gente tem no dia a dia com os alunos. Aqui na escola tem vários materiais, a gestora é super competente, motiva a gente todos os dias, então eu me

sinto motivada pra trabalhar. Temos a supervisora que acompanha a gente semanalmente, temos o plano de aula que a gente faz todos os dias, materiais concretos, então tem tudo pra se realizar um bom trabalho. (Professora C)

Nossa, o salário é, não, se você for depender de motivação nas suas atividades pedagógicas a partir do salário, eu acredito que eu nem sairia de casa, porque o salário não é um bom salário, não é um salário digno, então se for para falar de motivação, motivação nós não temos, então enquanto professor, a criatura tem que se identificar com aquilo ali que te é oferecido, por exemplo, se ele escolheu ser professor, ele tem que ser professor, se sentir professor, ele tem que gostar amar o que faz, porque se ele não tiver amor pelo que faz, por que se for pelo dinheiro não justifica você sair de casa e ficar em uma sala com trinta, quarenta e cinquenta alunos como é o meu caso e a motivação ser o salário. Já na questão dos materiais aqui na escola disponibiliza bastante recurso, lógico que seria bom ter outros meios para desenvolver nossas atividades. (Professora D)

Hoje em dia posso dizer que sim, pois já melhorou bastante, porém, ainda falta melhorar um pouco mais, em relação ao trabalho que desempenhamos. Temos motivações pra isso, à escola me oferece recursos materiais adequado para administrar uma boa aula e as condições aqui são muito boas para trabalhar. (Professora E)

Conforme foi relatado pelas professoras, elas estão em comum acordo no que diz respeito a não motivação em relação ao salário, podemos ver que predomina nas suas falas uma grande insatisfação em torno da questão salarial. Na qual se pode destacar que o trabalho desenvolvido pelas docentes não está relacionado apenas à questão salarial, mas sim afetuosa pela profissão.

Analisando as respostas obtidas, percebemos um grande descontentamento por parte dessas profissionais, consideram que o salário está abaixo do valor que um professor merece. Diante disso, nota-se certa desmotivação, por parte delas, entretanto, algumas delas relatam em seus depoimentos um amor pela profissão de educadora que supera os dilemas que fazem parte dessa profissão, o que não é justo, pois, sabe-se que qualquer profissional quer ser bem remunerado, sendo assim, um professor também quer ganhar bem, ninguém vive só de amor, de afeto ou de caridade em prol do outro.

Professor também tem conta pra pagar, tem despesas pessoais, têm filhos, casa, lazer, e precisa se alimentar bem, ou seja, necessita de condições dignas para viver. O que deixa claro que merece receber um salário bom e suficiente para o seu dia a dia. Todo educador lida com as mais variadas situações e atividades em sua ação diária, no entanto, ele não é reconhecido e com isso aumenta cada vez mais o desânimo dessa profissão.

Os baixos salários e a falta de plano de carreira adequado, concomitantemente, trazem um certo desencanto com a profissão docente. Tal desencanto leva a uma naturalização da desvalorização profissional, como se não houvesse outro jeito, posto que em outros lugares também é assim.(GOUVEIA , 2006, p. 267)

Portanto, para realizar uma adequada ação docente é imprescindível que o professor tenha uma boa autoestima, que ele esteja satisfeito com o seu trabalho e com a sua

remuneração. Ao passo que o seu trabalho só dará bons resultados se ele tiver sendo desenvolvido com satisfação. Na verdade sabe-se que:

[...] os professores brasileiros podem ser, de fato, considerados mal remunerados, sobretudo se atentarmos aos valores recebidos por esses profissionais em comparação a outras profissões para as quais também se exigem formação em nível superior e, também, se levarmos em conta a importância do papel social do professor. (BARBOSA, 2012, p.385-386)

São muitas atividades desenvolvidas pelos professores, sendo que se for levar em conta todas elas, com certeza esses profissionais mereceriam ganhar os melhores salários, mas na verdade o que vemos não é bem isso, sempre são outras áreas que ganham os melhores salários, algumas delas não fazem nem um terço que um professor faz, porém são mais valorizadas e reconhecidas.

Assim, se fosse mais reconhecido a profissão docente e conseqüentemente melhor remunerado, teria mais pessoas decididas a seguir essa profissão, “[...] Somente uma carreira com remuneração atrativas poderá levar jovens com potencial para se tornarem bons professores a optarem por ela, [...].” (MORICONI; MARCONI, 2008, p.6)

No entanto, o que consta hoje em dia é que muitos jovens não optam por essa profissão devido ser tão desvalorizada, eles querem se formar e para isso se dedicam anos de estudos para conquistar o tão sonhado curso superior, no intuito de serem bem recompensados, só que na profissão docente eles não conseguem perceber tanta recompensa assim. Com isso, se torna mais difícil as pessoas colocarem essa profissão como primeira opção, já que ela deixa a desejar, já que tem outras áreas que dispõe de maiores chances de desenvolvimento pessoal e profissional.

As professoras mesmo admitindo que o salário é baixo, que não são bem remuneradas como podemos ver em suas falas, relatam que trabalham pelo amor que tem pelo ensino, entretanto, para se efetuar com êxito uma excelente prática educativa torna-se essencial um grande investimento, cujo diz respeito a dedicação de cada profissional em busca de novos conhecimentos, de realização de cursos, especializações, ao passo que para isso é importante se ter um bom rendimento mensal para tal investimento.

[...]ainda que não se possa afirmar que bons salários pagos aos professores acarretariam a melhoria da educação, sem bons salários tampouco essa qualidade será alcançada, posto que, conforme exposto neste trabalho, a baixa remuneração dos professores pode acarretar muitas implicações negativas para a profissão docente e para o sujeito professor, comprometendo a qualidade do trabalho desenvolvido por esse profissional. (BARBOSA, 2012, p.402-403)

Não tem como conquistar o pleno sucesso na educação se não é disponível toda uma estrutura boa e suficiente para que isso aconteça, como se pode obter um bom trabalho se as classes hoje em dia são todas super lotadas, com pouco espaço em relação à quantidade de alunos, com poucos recursos para se desenvolver uma aula de qualidade. Todavia, é o professor que tem que se desdobrar, procurar maneiras para desempenhar seu papel de forma adequada, atraindo seus alunos pelo gosto do aprender, geralmente são eles que utilizam do seu próprio dinheiro em prol dos alunos.

Hoje se vê muito incentivo nas escolas no fim do ano, para os professores querer desenvolver algum projeto, que tiver obtido alguma meta antes estabelecida, por sua vez só ganha essa recompensa aquele que se dedicar totalmente as regras do programa. Qualquer professor comprometido e dedicado com seu trabalho que não tenha realizado com êxito o esperado fica de fora desses benefícios, soma se a isso que:

Como se pode perceber, a chamada remuneração por mérito que, lamentavelmente, está-se espalhando por todos os sistemas de ensino no Brasil, [...] é uma medida totalmente descabida, cuja justificativa só pode se abrigar em mentes totalmente desprovidas de um mínimo de familiaridade com a real condição da atividade pedagógica. Para o professor diferente do trabalhador comum, a atividade que desenvolver não tem, não deve ter) por motivo apenas o salário. Portanto para o bom êxito do trabalho pedagógico, o salário não pode ser uma simples compensação pelo trabalho (forçado) como acontecer com todo trabalho capitalista. Em vez disso, a remuneração justa do trabalho do professor é um dos requisitos necessários para que ele tenha condições objetivas adequadas à realização da atividade que ele tem por incumbência desenvolver. (PARO, 2012, p.601)

Portanto, só alguns professores terão garantido os benefícios, em outras palavras, os demais serão excluídos, como não merecesse ganhar um pouco mais pelo seu trabalho. Só que essas remunerações não deveriam ser apenas no fim do ano e nem só para alguns, o professor tem o direito de ser reconhecido pelo seu esforço diário, o que nos leva a crer que ele é digno de ganhar uma boa remuneração mensalmente e não apenas por um determinado esforço imposto por um trabalho muitas vezes visando simplesmente o ganho final, sem uma verdadeira intencionalidade em torno do aluno.

Em relação às condições de trabalho e aos recursos materiais, algumas das professoras afirmam que a escola disponibiliza bons recursos materiais e de uma estrutura boa para exercer a prática docente, o que é importante para a qualidade do trabalho, pois demonstra que elas gostam e confiam no local que trabalham.

As docentes relatam que a gestão da escola valoriza seus profissionais, que dá atenção e as motiva todos os dias. É aplausível destacar que essa maneira de trabalhar valorizando os

profissionais da educação só tem a engrandecer o trabalho docente, que muitas vezes sentem a falta de reconhecimento e apoio da própria administração escolar.

Atualmente a sociedade cobra muito dos professores, só que não são dadas condições suficientes para desempenhar um bom trabalho, mesmo disponibilizando determinados recursos ainda falta muitas coisas para que o professor possa exercer com segurança e propriedade sua ação.

Além disso, o que chamamos as “condições de trabalho”, dos professores corresponde a variáveis que permitem caracterizar certas dimensões quantitativas do ensino: o tempo de trabalho diário, semanal, anual, o número de horas de presença obrigatória em classe, o número de alunos por classe, o salário dos professores, etc. (TARDIF; LESSARD, 2009, p.111)

Todo profissional quer trabalhar com condições dignas, com recursos que possam permitir um excelente andamento dos trabalhos, que efetivamente os motive a continuar em sua profissão. Considerando assim, trabalhar em ambiente agradável, disposto a contribuir com seu crescimento se torna recompensador e atrai novos profissionais qualificados e dispostos a fazer o diferencial.

Continuando as questões foi perguntado: **Se você tivesse outra opção profissional, você deixaria de ser professor?**

Não, não deixaria, porque apesar de toda essa dificuldade, principalmente a questão salarial ,como eu gosto do que eu faço, tenho vocação pra ser professora, tenho também o dom, não mudaria não, de jeito nenhum, com toda certeza. (Professora A)

Não, eu gosto da minha profissão, desde pequena eu queria ser professora, acho que é uma vocação mesmo, [...] gosto demais, eu acho que é vocação, pois para ter um apreço por isso aqui, você tem que ter vocação mesmo. (Professora B)

Não, eu me sinto realizada como professora. Não trocaria gosto muito da minha profissão. (Professora C)

Não deixaria, pois, eu me identifico com minha profissão, apesar de tudo, eu gosto de ser professor. (Professora D)

Sim, já pensei nisso muitas às vezes, pois vejo a educação em termo dos alunos indisciplinados que não querem nada da vida e que vão à escola somente para atrapalhar a aula e brigarem com os colegas, não leva o livro solicitado, não traz a tarefa feita de casa, a pesquisa quando solicitada não traz, não faz a leitura em casa quando solicitamos também, assim fica muito difícil trabalhar com a educação dessas crianças. Posso atribuir esses fatos aos pais que muito das vezes são relapso e não procura acompanhar os filhos com os afazeres da escola. (Professora E)

Diante das respostas dadas pelas professoras podemos notar um grande apreço por parte da maioria delas pela profissão que exercem, na qual não trocariam por nada, associando ao fato de nascerem já com o dom para ensinar, frisando que apesar das dificuldades existentes, entre elas a questão salarial, elas gostam do que fazem. Além disso:

Observa-se também, em muitos professores, a persistência na profissão e uma importante relação afetiva com as crianças. Essa relação aparece bem antes de assumirem suas funções, alias antes da formação inicial, e se mantém em seguida. Os professores dão também muita importância aquilo que são como “pessoas”, e alguns chegam até a dizer “que foram feitos para isso, para ensinar”. Um tal “sentimento” tende a naturalizar o saber-ensinar e a apresentá-lo como sendo inato. (TARDIF, 2014, p. 77)

Em virtude do que foi mencionado, percebe-se que alguns professores ainda persistem na carreira docente, devido ao fato de acreditarem em um amor incondicional pelo que fazem independente das dificuldades encontradas no seu dia a dia. O que é bom, pois a educação está precisando de mais profissionais comprometidos com essa área, e de pessoas que se identifiquem com esse trabalho. Ao passo que está ficando cada vez mais difícil profissionais que queiram seguir a carreira docente, sendo que,

É impossível ensinar sem esta coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. (...). É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão anti-científico. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional. É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-lo, com vantagens materiais” (FREIRE, 1997, p. 8-9)

É preciso dessa força de coragem e vontade para continuar seguindo em frente nessa profissão, com dedicação e compromisso com suas atividades diárias, de uma relação mais próxima e afetuosa com os alunos, é para isso é essencial criar novas possibilidades, apesar dos obstáculos que surgem que não são poucos. Quando se tem uma boa relação com a atividade que se realiza o desempenho melhora, o ambiente se torna agradável e contagia todos os que estão ao redor.

Todas as vezes que aquilo que você faz não permite que você se reconheça, seu trabalho se torna estranho a você. As pessoas costumam dizer “não estou me encontrando naquilo que eu faço”, porque o trabalho exige reconhecimento – conhecer de novo. (CORTELLA, 2014, p.21)

Reconhecer-se naquilo que você faz é imprescindível. Não é interessante trabalhar em uma área que não lhe proporcione realização pessoal e profissional, já que pode ocasionar em uma atividade insignificante, sem valor, o que não é interessante para o bom andamento da educação.

Se o educador não se reconhecer nas suas ações diárias, não se sentirá bem, é importante que ele siga outras opções e se encontre na área que mais sinta-se atraído, que tenha mais haver com ele, pois trabalhar apenas por que é preciso, não o levará a nada e corre o risco de prejudicar não só sua vida, mas também a de muitas outras pessoas envolvidas.

Como as professoras acreditam que já nasceram com essa vocação para ensinar, tem esse sentimento próprio, pode ocorrer delas aceitarem com tranquilidade tudo que envolve o ensino-aprendizagem, como por exemplo, as dificuldades encontradas na sala de aula, falta de material, de recursos, de alunos indisciplinados, pais não participativos, entre outras coisas como algo normal, que faz parte da vida de um professor e de uma escola, soma-se a isso, a visão de que o professor pode dar sempre o seu jeitinho e resolver qualquer problema.

Entretanto, essa aceitação tem uma verdadeira reflexão do seu trabalho, e pode levar o professor a cair no comodismo, achar que tudo está bem dessa forma, que a educação, o ensino e o seu próprio trabalho precisam de mudanças, mas, como não tem jeito pode continuar como está.

Elas podem acreditar que ensinar é um dom, porém se elas não tiverem formações boas, estudos qualificados, materiais bons, uma escola que dispõe de recursos adequados e uma estrutura organizada, não há dom ou vocação que consiga conquistar o ensino esperado por todos. Mesmo tendo o prazer por essa profissão, se o professor não procurar realizar mudanças, fizer investimentos e lutar por melhorias no seu trabalho, pode acarretar em uma prática concretizada na mesmice.

Por outro lado, há professores que se o ambiente não dispuser de boas condições para se trabalhar, e que principalmente o salário não contribuir com sua realização pessoal, ou seja, deixá-lo satisfeito e realizado como professor, poderá ocasionar numa desistência definitiva, na qual o levará em busca de outro campo profissional.

[...] a precariedade de emprego pode provocar um questionamento sobre a pertinência de continuar ou não na carreira, e às vezes até um descomprometimento pessoal em relação à profissão. Mas é sobretudo quando ela é associada direta ou indiretamente a outros problemas, tais como insegurança em relação ao emprego, a instabilidade da função, a substituição, a atribuição de contratos menos bons (carga horária parcial, trabalho difícil e árduo) alunos difíceis, práticas de atribuição de contratos que deixam a desejar e a falta de apoio e de valorização do professor

contratado, que os jovens professores perdem progressivamente o entusiasmo e pensam às vezes em abandonar o magistério. (TARDIF, 2014, p. 97)

Nesse sentido, muitos profissionais desistem, outros persistem e continuam trabalhando mesmo sem gostarem, só que possivelmente muitos desses que continua fazendo seu trabalho não estão mais se importando com os resultados e desenvolvimentos de sua prática, já que o ambiente não favorece e não tem uma organização mais participativa e eficaz, eles ficam despreocupados e esquecem a verdadeira responsabilidade de um professor.

Contudo, manter o compromisso e responsabilidade é fator primordial de um educador, ética é fundamental em qualquer trabalho, o fato de não ter recursos e materiais suficientes, não lhe dar o direito de jogar o ensino ao caos, esquecer das suas tarefas, do compromisso com a educação, com os seus alunos e principalmente com sua profissão.

Entre as professoras entrevistadas, existe uma que não se identifica e não se encontra verdadeiramente nessa profissão, entretanto, insiste em continuar nessa carreira mesmo sem sentir-se bem. No entanto, sem sentir segurança e gosto pelo que faz, trabalhando de forma alienada, agindo apenas em prol do salário no fim do mês, não é uma alternativa mais eficiente e nem sadia para se obter êxito na carreira. Como também não é correto, já que outras pessoas dependem dessa profissão.

[...] Estou convencido de que só é possível enfrentar a crise de identidade dos professores a partir destas bases, isto é, a partir de uma dinâmica de valorização intelectual, de uma consolidação de uma autonomia profissional, de reforço do sentimento de que somos nós que controlamos o nosso próprio trabalho. É esta segurança profissional que pode levar os profissionais a saírem do desconforto e do mal-estar em que têm vivido (NÓVOA, 1998, p.31).

Sei que são muitos docentes que estão desestimulados nessa profissão, o que não é para menos, todavia, trabalhar sem vontade, sem ética, pode levar a prejuízos imensos tanto para quem está envolvido nesse processo, como também para o próprio professor, já que estaria se martirizando por uma coisa que sabe que não dará certo.

Toda pessoa tem que ter segurança e autonomia no que faz, mesmo tendo as regras, as formas de seguir, o professor tem sua forma de trabalhar, se o seu emprego não estiver lhe fazendo bem, vá à busca de algo que mais se identifique. Mas, se por outro lado ele quer continuar nessa atividade, ele pode transformar o que não lhe agrada, pode lutar para mudar essa situação, ele pode e deve ir à luta, exigir mais respeito, valorização e reconhecimento, abaixar a cabeça para tudo não é o melhor caminho, refletir sobre o que está mexendo com o meio em que vive é fundamental para fazer a diferença.

Sei que muitos não deixam de:

[...] enfrentar limites, de querer de vez em quando “largar tudo”, de ver às vezes a esperança se afastar. Entretanto, é no próprio espaço do trabalho que “esperanço” de novo, que retomo com vigor a luta, que encontro possibilidades e alternativas. Auxiliam-me nesse movimento a prática e a reflexão sobre ela, o fazer e o pensar crítico sobre ele, num exercício que mescla razão e paixão. (RIOS, 2001, p. 17)

O próprio trabalho nos dá força de seguir em frente, mesmo com os altos e baixos é lá no ambiente do professor que ele recarrega suas energias dia após dia, quando ver seus alunos alegres, aprendendo, vê os resultados alcançados, apesar de todos os dilemas que têm de enfrentar todos os dias. É no seu espaço de trabalho que o professor ver a verdadeira razão da existência dessa profissão.

Foi questionado as docentes: **Quais as causas da desvalorização da profissão docente?**

Bom eu acho que vem desde cima, porque, principalmente o governo não cumprir o que é pra ser feito, [...], daí é de onde vem tudo, muitas coisas tem que ser mudadas. (Professora A)

Há tantas coisas, posso citar a questão do salário, os pais como falei no início que tem pais que não dão muito apoio, se eles dessem mais apoio à escola seria ainda melhor, então são essas desvantagens, alunos rebeldes que nós temos muito. (Professora B)

Eu acho assim que é o sistema, começa pelo governo, o salário, aí vem à família, a sociedade é um conjunto geral, eu não tenho uma coisa específica pra dizer o nome. (Professora C)

Primeiro é o salário, pois, o salário é um dos fatores que desmotiva qualquer ser humano, seja professor, médico, até o próprio gari, devido a situação que nos encontramos, nós temos que ganhar um salário que der pra manter nossas famílias, porque se a gente ganhasse bem não precisava o professor se virar nos trinta como diz o velho ditado, então nós professores temos vinculo de manhã, tarde e a noite, se tu desempenho aquele papel bem durante a manhã, a tarde tu faz mais ou menos e a noite tu está uma meia sola no popular, [...], na verdade quem estão perdendo, são os alunos, porque, aquele professor já estar cansado, se ele fosse bem remunerado ele não precisava estar nesse desgaste todo, então um dos principais fatores que interfere na nossa profissão ou em qualquer outra é a desvalorização salarial. São tantas coisas que desvalorizam a gente. (Professora D)

A falta maior é do não reconhecimento do profissionalismo que temos, também a classe é muito desunida. São poucos que brigam pelos seus direitos. Principalmente o sistema educacional que deixa muito a desejar, a educação toda tem que ser revista. (Professora E)

De acordo com o que foi respondido podemos observar que as respostas divergem um pouco, cada docente acredita que a causa, parte de um responsável específico, alguns acreditam que é o sistema, outros que são os pais, outros dizem que os próprios professores são desunidos, no entanto, todas concordam plenamente que o problema está no conjunto todo, ou seja, há falhas por todos os lados da educação, que merecem serem revistas.

Portanto, são muitos motivos que faz com que a profissão docente sofra e seja desvalorizada dessa forma, alguns deles podemos ver citados nas palavras das professoras acima: como salário, não compromisso dos pais, desrespeito por parte dos alunos, o sistema

educacional, a sociedade, o governo, entre tantos outros que fazem com que haja um profundo desinteresse e uma desistência por parte dos educadores no seu trabalho.

É essencial que o curso de ensino-aprendizagem ganhe outro rumo, que esse novo caminho leve a valorização e o respeito por essa profissão, ao passo que ela é uma profissão e como tal merece ser reconhecida, fortalecida, que tem o direito de ganhar um maior espaço nas discussões dos governantes, que possam refletir sobre possíveis mudanças, no intuito de obter direitos e recursos para essa classe.

Para isso, há muitas tarefas pela frente, entre elas, a de resgatar a profissionalidade do professor, redefinir as características da profissão fortalecer as lutas sindicais por salários dignos e condições de trabalho. É preciso, junto com isso, ampliar o leque de ação dos sindicatos envolvendo também a luta por uma formação de qualidade, por uma cultura do profissionalismo, de modo que a profissão ganhe mais credibilidade e dignidade profissional. (LIBÂNEO, 2007, p. 49).

Nesse sentido, a sensação de desvalorização da atividade docente tem que ter um fim, o próprio professor tem que ter segurança e respeito pelo que faz, defender com todas as suas forças sua profissão, acreditar que ela é importante e faz diferença na vida das pessoas. Lutando sempre pelos seus direitos, não aceitando migalhas e nem se contentando com pouco, acreditando que está bom desse jeito, por que na realidade não está. É importante ampliar sua visão através de uma prática refletida e discutida por todos os envolvidos.

Acrescenta-se a isso, o fator de muitos docentes sem ter nenhuma identidade nessa área, continua ensinando, porém, só leva o tempo a discriminar e a julgar o ensino, a colocar a escola e os profissionais lá em baixo, em vez de lutar por melhorias para a sua classe trabalhadora. “Uma sociedade só chegará ao desenvolvimento, se der ao professor o seu lugar e se o professor exigir esse lugar pela sua competência, seriedade e capacidade de atualização” (WERNECK, 2002, p. 14).

Daí então, a partir dessa iniciativa feita pelos docentes em relação ao seu trabalho é que a população pode passar à acreditar e reconhecer o professor como um sujeito profissional, pois, não tem como dar valor a uma área se os seus próprios profissionais desacreditam dela.

Em seguida discutimos sobre a seguinte pergunta: **Quais as dificuldades enfrentadas na profissão docente?** As professoras responderam:

Como eu tinha falado você encontra dificuldade com a família, a questão social hoje em dia esta fazendo com que a gente tenha muito trabalho na sala de aula com as crianças, as famílias não estão preparadas, não tem aquele cuidado com os filhos, eu acho que a questão familiar é uma das questões que eu vejo aí como um grande problema. (Professora A)

Alunos desinteressados na questão da tarefa de casa, certamente como eu já falei, os pais não dão muita atenção, [...], sim também tem a questão da indisciplina dos alunos, trazem de fora aquele comportamento trabalhoso [...], é uma dificuldade para disciplinar. (Professora B)

É a questão da família que não acompanha as atividades em casa, não tem esse relacionamento família-escola, porque se tivesse essa parceria quando fosse ao final do ano os alunos saberiam ler escrever teriam uma boa aprendizagem. (Professora C)

Creio que a maioria das dificuldades esta na aprendizagem dos alunos, por conta de salas super lotadas, onde o espaço físico não é suficiente para suporta cinquenta alunos como é o meu caso, que não tem espaço suficiente pra eles se locomover, nem pra mim me locomover em relação a eles, enquanto eu atendo dez crianças fica trinta e poucas sem serem atendidas, é isso dificulta muito e além do mais a família que não ajuda, mesmo aquela criança com problema de aprendizagem, distorção serie/idade os pais não tem consciência disso e também não ajuda, não procura buscar melhorar a vida de seu filho, por que só depende de quem? só da escola, só querem saber da escola, por que ela é quem toma a iniciativa e as atitudes devidas, e na verdade não é bem assim, a escola e família tem que andar juntas, então deixa tudo a desejar e entrega na nossas mãos. Então a maior dificuldade que eu encontro hoje é a dificuldade de aprendizagem devido à superlotação. (Professora D)

Eu acredito que a falta de compromisso de alguns pais é um dos principais motivos. (Professora E)

A partir das respostas obtidas, pode-se observar as principais dificuldades relatadas pelas educadoras, entre elas se destacam a relação família/escola, questão social das crianças, alunos desinteressados, falta de atenção e acompanhamento dos pais em relação aos estudos dos seus filhos, à aprendizagem dos alunos, como também o espaço físico.

Aparecendo com maior destaque em todas às falas das professoras, a questão relacionada sobre a família/escola, em que elas relatam haver uma grande dificuldade para se manter um bom convívio com os familiares dos alunos, se tornando assim um grande problema para o bom andamento do ensino/aprendizagem. Pois, os pais não participam e nem ajudam no processo de conhecimento dos seus filhos, deixando essa tarefa a cargo único e exclusivo do professor.

Todavia, o envolvimento por parte da escola com os familiares dos educandos é de extrema importância para o ambiente escolar, pois assim, a participação e a contribuição realizada de forma efetiva pelos pais só tendem a favorecer e contribuir com o desempenho da aprendizagem de seus filhos.

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a escola e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social das crianças e jovens na família, no meio social, no trabalho. (LIBÂNEO, 1994, p.87)

Diante disso, é quase impossível existir um distanciamento entre a escola/família/professor/aluno, temos a consciência de que manter essa relação é de extrema

importância para o crescimento da qualidade do ensino. Toda ação realizada pelos alunos de uma forma ou de outra, está envolvida com seu histórico familiar, o seu social interfere e influencia no seu ritmo de aprendizagem, na sua vontade e interesse pelos estudos.

Alguns educadores se sentem desestimulados em relação à convivência com os pais, considerando que as reuniões sejam até desnecessárias já que não adianta convocar eles, se a maioria nem aparece, e quando comparecem é apenas para reclamar, não trazem sugestões que possam melhorar, nem palavras de incentivos, apenas reclamam, apontam os erros, palavras inoportunas o que magoa os professores, faz com que eles desacreditem nessa relação tão importante que é a família e a escola. “Pode-se, então, compreender que o diálogo com os pais não seja vivenciado com satisfação por todos os professores. Alguns o temem ou não acreditam mais nele, magoados por palavras infelizes ou por atitudes dissimuladas”. (PERRENOUD, 2000, p.113)

No entanto, apesar de ocorrer essas situações sabemos de como manter o contato com a questão social e familiar dos alunos é fundamental para desempenhar um trabalho que realmente faça a diferença, é impossível ensinar as crianças sem saber como ela vive em casa, como é a atenção dada a elas, com quem elas moram, porque isso está intrínseco no contexto escolar, não tem como separar a essência de cada aluno e fingir que isso não influencia o andamento do ensino.

Seria ingênuo esperar da maioria dos pais o esforço de descentralização e a responsabilidade que se pode esperar de um profissional formado e experiente. Além disso, eles são muito diferentes uns dos outros. Cada um deles é produto de uma história de vida, de uma cultura, de uma condição social, que determinam sua relação com a escola e com o saber. A competência dos professores consiste em aceitar os pais como eles são, em sua diversidade. (PERRENOUD, 2000, p.117)

Portanto, mesmo sendo pouco o número de famílias que estão participando ativamente na escola esse número é significativo, não se deve excluir quem quer participar, qualquer esforço é válido e merece ser reconhecido. Os pais têm suas singularidades, uma forma de viver diferente, foram criados em outros contextos, e muitas vezes dão valor aos estudos, mas, não sabem se expressar direito, e a correria do dia a dia faz com que eles deixem de dar mais atenção aos seus filhos. Porém, investir nessa relação se torna obrigatório para os professores, já que eles são sujeitos experientes e conhecem o valor desse contato.

Outro motivo que leva os professores a sentirem-se tristes e sem estímulos para prosseguir na sua carreira é a indisciplina dos alunos como consta nas palavras das docentes. Muitos alunos não mantêm um bom contato com seus professores, usam de atitudes

agressivas, não querem obedecer, só querem fazer o que convém a eles. Causando problemas para o professor, pois o mesmo vai perdendo sua autoridade e fica com uma sensação de desvalorização por parte dos seus alunos.

[...] os professores queixam-se da postura desatenciosa e agressiva dos alunos que caracteriza a indisciplina e que passa a ser um problema para o desenvolvimento de qualquer atividade: brincadeiras, ruídos, suspiros, bocejos e ausência de participação nas atividades, impertinência, provocação, agressividade, com o objetivo de atingir o professor ou, nesta impossibilidade, o de atingir os colegas. (FURLANI, 2000, p.50-51).

São essas indisciplinas dos alunos, mais outros fatores que estão entrelaçados com a carreira docente, que fazem com que haja tanta desistência de professores, como também de estudantes de licenciaturas, que mesmo não iniciando a profissão docente desestimula-se devido já conhecerem a realidade vivenciada pelo professor hoje em dia que

Além de a indisciplina causar danos ao professor e ao processo ensino aprendizagem, o aluno também é prejudicado pelo seu próprio comportamento: ele não aproveitará quase nada dos conteúdos ministrados durante as aulas, pois o barulho e a movimentação impedem qualquer trabalho reprodutivo. (OLIVEIRA, 2005, p.21).

Essas atitudes só prejudicam a própria aprendizagem dos alunos, eles não sabem ou não entendem que são os sujeitos principais nesse processo, que tudo que se faz na sala de aula é em prol e benefício do seu futuro, para que eles adquiram conhecimentos que os ajudarão nas escolhas futuras.

Essas indisciplinas presenciadas nas escolas merecem ser discutidas por todos da instituição, da comunidade, pelos alunos e seus familiares, no intuito de achar uma solução, para que situações assim, não se façam mais presentes no contexto de uma sala de aula. O ambiente escolar é propício e construído para formar sujeitos educados, responsáveis, indivíduos que tenham respeito pelo próximo.

E se isso não acontecer na própria sala de aula, com certeza, a escola como o professor perderá o seu prestígio e tudo ficará mais difícil, por isso, manter esse diálogo em função de melhorias se torna mais que importante, ele é fundamental para o progresso da educação bem como para o respeito e valorização que tanto quer e merece o profissional docente.

Para situar melhor o assunto foi questionado: **Os alunos apresentam interesse pelos conteúdos trabalhados em sala de aula?**

Não são todos, a gente vê que não é cem por cento, mas uma boa parte sim, pelo menos o que eu trabalho, eles têm o interesse pelo conteúdo, eles participam, mas sempre tem aquele, como eu digo, eles já não são motivados

pela família, não trás uma atividade de casa, então eles já ficam um pouco assim sem saber o que faz, porque não tem esse acompanhamento em casa, mas todos fazem as atividades propostas na sala de aula. (Professora A)

Eles têm interesse pelos conteúdos trabalhados na sala de aula, eu noto que quando é um assunto que chama atenção deles, eles se sentem interessados, logo esse programa dos primeiros saberes tem que ter todo os dias aquela acolhida, aquela leitura em ação aí eles interagem na aula. (Professora B)

Na maioria das vezes sim, é tanto que nossa prática a gente trabalha assim, a atividade de casa é um reforço todos os dias, então quando chega em casa eles não tem essa dificuldade toda, só falta um pouco de acompanhamento da família. (Professora C)

Os alunos sim, apesar de ter um ou dois alunos que são desmotivados, por um motivo ou outro, mas a maioria deles são bem relacionáveis, gostam de participar das atividades, desenvolver atividades, os objetivos são alcançados, as coisas que acontecer são coisas de criança, todos eles desenvolvem bem graças a Deus. (Professora D)

Só quando o conteúdo interessa que possa chamar atenção deles, e quando são oferecidos pontos ou notas para avaliação. (Professora E)

A partir das respostas pode-se analisar que, segundo as professoras, os alunos são interessados nos conteúdos trabalhados na sala de aula, principalmente quando é sobre algo que chama bastante atenção deles. Acrescentando ao fato que eles participam, interagem durante a explicação. Por sua vez, isso é muito bom para proporcionar aos discentes uma melhor aprendizagem, já que eles se tornam integrantes participativos na sua própria busca pelo conhecimento.

Do mesmo modo que tem alunos que são interessados, sempre há dois ou três dentro da sala de aula que são desmotivados, que não querem estudar, muitas vezes atrapalham a aula e prejudicam tanto a sua aprendizagem como também a dos colegas de classe.

Contrariamente a outros profissionais, o trabalho do professor depende da “colaboração” do aluno; “um cirurgião opera com o doente anestesiado e um advogado pode defender um cliente silencioso, mas o sucesso do professor depende da cooperação ativa do aluno” (LABAREE 2000 apud NÓVOA, 2002,p.23).

Sem a colaboração dos discentes a aula não progride, o saber não flui, não há troca de conhecimentos. Segundo as docentes, o principal motivo da desmotivação da aprendizagem por parte dos alunos seria a questão familiar, onde os pais não procuram incentivá-los a se dedicarem aos estudos, por não acompanhar ou auxiliar nas tarefas de casa.

Portanto, os alunos muitas vezes, sentem-se desestimulados por não terem uma pessoa de sua família que esteja junto, que fique por perto para lhe ajudar, que explique o quanto é bom e importante estudar, aprender, que só se garante um futuro melhor através da educação, que mostre verdadeiramente o sentido de frequentar uma escola e à necessidade de buscar o conhecimento.

Além dos familiares, os professores também são parte integrantes nesse processo, eles devem também estimular seus alunos, entender seus sentimentos, os fatos que fazem com que eles se sintam afastados do ambiente escolar, que os levam a se sentirem tristes e desanimados no que diz respeito a sua inteligência.

A aprendizagem escolar depende, basicamente, dos motivos intrínsecos: uma criança aprende melhor e mais depressa quando sente-se querida, está segura de si e é tratada como um ser singular [...] Se a tarefa escolar atender aos seus impulsos para a exploração e a descoberta, se o tédio e a monotonia forem banidos da escola, se o professor, além de falar, souber ouvir e se propiciar experiências diversas, a aprendizagem infantil será melhor, mais rápida e mais persistente. Os motivos da criança para aprender são os mesmos motivos que ela tem para viver. Eles não se dissociam de suas características físicas, motoras, afetivas e psicológicas do desenvolvimento (RODRIGUES, 1976, p.174).

A aprendizagem verdadeira envolve diversos fatores, ela está longe de ser apenas um conteúdo bem explicado em uma aula onde os alunos por participarem vão sair sabendo de tudo. Mas, está relacionado com o lado afetivo e psicológico da criança, daí vem à necessidade do professor buscar, escutar cada aluno, procurar junto com eles aprender também, para assim se tornar possível realizar mudanças em suas aulas, nas quais abrirá novos caminhos para um ensino-aprendizagem cada vez melhor.

A convivência entre professores e alunos só será possível se, para ambos, resultar claro que, apenas pelo vínculo do compromisso, da responsabilidade e do respeito mútuo, o processo de ensino-aprendizagem poderá cumprir efetivamente o seu papel. É necessário que o aluno admire o professor para aprender com ele. Por outro lado, o professor também tem muito a aprender. Nessa relação de admiração surge um amor responsável. Mestres e aprendizes ensinam e aprendem. A diferença está na experiência, no tempo do preparo, na maturidade. (CHALITA, 2014, p.16)

Se existir uma agradável convivência entre professor-aluno com união, respeito e compreensão, tanto os alunos aprenderão com o professor, como o professor também será agraciado por novos conhecimentos dos alunos, havendo uma troca de saber. No entanto, se ao invés de compreender o valor e a importância da relação afetiva entre ambos para se alcançar uma aprendizagem significativa, for feita de forma imposta, obrigatória, com certeza, não acontecerá conforme os objetivos previstos.

Nenhum aluno gosta de fazer algo pelo simples fato que o professor diz ser o certo e ponto final, por isso vem à importância de dialogar, de deixar os alunos participarem mostrando suas opiniões, o professor deve estar aberto ao novo, às mudanças, dando mais liberdade para que os educandos possam desenvolver suas habilidades de outras formas, que seja mais fácil e coerente com o seu nível e tempo de aprendizagem.

Nesse sentido, as ações do professor não podem e não devem ser resumidas a uma rotina diária, mudanças sempre deverá existir, mesmo que o professor esteja sendo pressionado para seguir certos caminhos, a liberdade faz parte da criatividade e imaginação de um educador, e com ela que se pode instigar, criar, modificar e direcionar melhor o ensino.

O professor deve ser um profissional cujas ações criem condições para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, afetivas e sociais, enfim condutas desejáveis tanto no que diz respeito ao indivíduo quanto a grupos humanos. No entanto, convém lembrar que, além disso, ele deve apropriar-se do conhecimento nos diferentes âmbitos do saber, utilizar-se da experiência e da reflexão como ferramentas de compreensão e análise do próprio fazer pedagógico. Isso o levará a extrapolar e alargar os limites da sua formação inicial, a fim de que possa enxergar o mundo sob outra perspectiva, para ter consciência do trabalho que desenvolve junto à sociedade. (ALONSO, et al 2003, p.53).

Com isso, o ensinar solicita novos meios que possam criar diversas possibilidades de aprendizagem, fixa em uma única forma não funcionará para todos os discentes, já que cada um possui uma necessidade diferente.

As situações de ensino agradáveis suscitam no aluno um desejo de repetir e renovar a aprendizagem. Quando, por infelicidade, o contrário acontece, o aluno tende a rejeitar não só a disciplina que não consegue aprender, mas também tudo quanto a ela se refira, inclusive o mestre e até a própria escola. Se a situação de aprendizagem é gratificante e agradável, o aprendizado tende a se dinamizar, a extrapolar-se para situações novas e similares e, por fim, a inspirar novas aprendizagens (RODRIGUES, 1976, p.179).

Sendo assim, o professor sente que cada vez mais o fazer pedagógico se torna difícil, já que dia após dia a sociedade solicita deles um modo de trabalhar diferente, que possa abranger seus quarenta, cinquenta alunos de uma vez e sozinhos, o que não é possível, principalmente para aqueles que trabalham dois ou três horários, e que têm alunos indisciplinados, desestimulados, e não tem material e nem espaço físico adequado para se trabalhar.

Uma das professoras relata que, alguns só têm interesse para aprender se tiver algum incentivo em troca, como por exemplo: as notas, os pontos extras, ou seja, se for beneficiado por alguma coisa. Sendo que, o benefício maior é a conquista do conhecimento, na qual proporciona maiores possibilidades de exercerem plenamente a cidadania. É isso que a maioria dos alunos ainda não compreende.

É inevitável essas situações no dia a dia, porém questionar como elas estão acontecendo é papel do professor, não adianta oferecer certos estímulos para cumprir apenas metas

estabelecidas, feitas simplesmente por fazer. A aprendizagem deve sim acontecer, mas essencialmente de maneira oportuna, onde os alunos saibam do seu real motivo.

Para finalizar a entrevista interroguei as professoras sobre o seguinte assunto: **Você considera sua carga horária excessiva? Quantos alunos há em sua turma?** As respostas obtidas foram às seguintes:

Não, porque uma carga horária semanal ela não é excessiva da assim pra gente trabalhar, só que em relação ao salário ela é, todo o professor não pode ir para a escola sem preparar nada, todo dia ele tem trabalho em casa, ele tem que preparar aquela aula pra dar no dia seguinte, então todo dia o professor tem o que fazer em casa. Antes as turmas não era o ideal, mas hoje por conta que a família não esta tendo muitos filhos, a meta e três quatro, hoje é ideal, eu tenho vinte três alunos. (Professora A)

Esta boa, são de segunda a sexta as aulas na escola, levo trabalho pra casa por que tenho que planejar, embora nós tenhamos o planejamento semanal na escola, a gente planeja toda semana, mas não deixa de ter coisas para fazer, para você corrigir, pra trazer coisas diferentes, tem que pesquisar, tem que corrigir os cadernos dos meninos, porque eu também levo os cadernos para casa, tem dia que levo, tem dia que da para corrigir em sala e assim eu acho que está boa a carga horária, pra mim está bom esse horário por que eu só tenho um expediente, mas agora as colegas que trabalham em outra escola ai eu acredito que precisa ter mais tempo, como trabalho só um expediente o outro eu dedico as tarefas extras [...].

Não, se for considerar apenas um horário, mas, assim se nos ganhasse o suficiente o ideal seria ter só um emprego, mas, como não ganho tenho que procurar outros vínculos. Eu tenho 32 alunos, o número é suficiente, mas seria bom ter uma ajudante. (Professora C)

Em relação à escola eu não acho excessiva, mas, como eu tenho que me virar nos trinta, e procurar outros vínculos, ai se torna excessiva, por que eu tenho que dar conta de três horários, é muito corrido, muito cansativo, tenho que aumentar minha renda com outro bico, vamos dizer assim, com outro vinculo, porque, só o daqui da escola não da, então eu tenho uma coordenação e dou aula em uma faculdade. (Professora D)

Não, eu acho que não. Tenho uma carga horária normal que me dá tempo para fazer meus trabalhos escolares, porém eu só trabalho um horário, mas quando eu trabalhava dois para ganhar mais ficava muito pesada, eu não tinha tempo para nada, ficava cansada, estressada, sem poder da conta de tudo. Minha turma não é muito numerosa, está de bom tamanho, assim facilita melhor para poder trabalhar com eles. É uma pena que alguns pais não procuram participar mais da vida escolar de seus filhos, ficam esperando somente pela escola. (Professora E)

Diante das respostas obtidas pode se notar que, algumas docentes consideram a carga de trabalho adequada, levando em conta que elas trabalham apenas um horário, porém, trazem muito trabalho extra para casa, além do que, é exercido na escola como atividades nos cadernos e provas para corrigir, planos de aula, estudos entre outras coisas.

Elas também relacionam a carga horária com o valor do salário recebido, considerando o mesmo desproporcional em relação às tantas tarefas que é designado pela profissão de educador. Para elas, o professor por realizar diversas e múltiplas tarefas no cotidiano, merecia receber mais pelo menos um valor que fosse adequado e suficiente para se manter.

Por outro lado, as professoras que têm mais de um vínculo consideram a carga horária alta, já que tem que trabalhar dois ou mais horários para ganhar um salário razoável, disponibilizando todo o seu tempo em função única e exclusiva ao seu exercício docente.

Tornando-se um trabalho estressante, pesado, cansativo, já que tem que viver na correria, de um lado para outro sem parar.

Com isso, a carga horária do professor se torna cada vez mais alta, na qual impede que o professor tenha mais tempo para sua vida pessoal e para os seus familiares. A correria diária leva a monotonia estressante, em que o profissional não consegue mais refletir e raciocinar sobre sua prática já que não tem tempo, levando até mesmo a adquirir uma doença, uma dessas doenças é a síndrome de Burnout que é uma síndrome da desistência que leva muitos profissionais desistir da sua profissão por não suportar tantas pressões.

[...] o burnout é uma síndrome característica do meio laboral e que está e um processo que se dá em resposta à cronificação do estresse ocupacional, trazendo consigo consequências negativas tanto em nível individual, como familiar e social (PEREIRA, 2003, p.4).

O professor está cada vez mais sofrendo com situações desse tipo, ficando estressado, desanimado e com isso a qualidade da sua função docente diminui. O que ocasiona em problemas tanto individual quanto familiar, já que mexe com toda sua vida. Pois o referido profissional tem que submeter uma parte maior do seu tempo na busca de um rendimento superior, já que trabalhar em uma única escola não lhe proporciona uma renda fixa suficiente para se manter, com isso ele se sobrecarrega de atividades diárias. Por isso é que:

Para compensar os baixos salários e obter melhores rendimentos, muitos professores são levados a buscar jornadas de trabalho mais intensas, assumindo mais aulas e, muitas vezes, trabalhando em mais de uma escola e em mais de um período ao dia. (BARBOSA, 2012, p. 394)

Com essa jornada mais intensiva, com um esforço maior, algumas das suas atividades não são desenvolvidas de forma adequada, deixando muitas vezes a desejar, realizando-as de forma monótona e repetitiva, não pelo fato de não querer concretizá-las com êxito, mas, por não ter tempo suficiente para tal ato. O salário aumenta um pouco, porém o esforço na prática educativa também triplica, fazendo com que o tempo torne-se cada vez menor.

Cada professor dedica um tempo específico para a sua profissão, uns trabalham mais, outros menos, mas, o que é certo é que todos recebem um salário insuficiente e desproporcional se for comparar a tudo que é desempenhado por esses profissionais. “[...] Nesses casos, o professor não se identifica com uma escola em particular. Por assumir número considerável de aulas, esses professores acabam por não conhecerem bem a maioria de seus alunos [...]”. (OLIVEIRA, 2006, p.214).

É nesse contexto que os professores vão realizando sua prática, sem ter uma relação de aproximação com seus alunos por falta de tempo, já que o professor com o objetivo de garantir uma qualidade de vida melhor, leciona em mais de uma escola, ou até mesmo, trabalha em profissões diferentes da docência para completar sua renda. Entretanto o Artigo 13º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, destaca algumas tarefas atribuídas aos docentes,

- I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III - zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

São atribuídas muitas funções para serem realizadas pelo professor, no entanto, se ocupam todo o tempo em dois ou três empregos corre o risco de não realizá-las, como também, de desempenhá-las de maneira inadequada, já que não tem tempo suficiente para concretizar essas atribuições. Deixando de lado, aquelas que não são muito cobradas, mas, que fazem toda a diferença no andamento do processo educacional.

Por ser uma profissão que trabalha com seres humanos, que desenvolve ações diretamente ligadas ao desenvolvimento humano, pessoal, profissional e econômico em prol do futuro dos indivíduos da sociedade, por lidar com circunstâncias variadas na sua jornada de trabalho merecia ser mais valorizado, mais reconhecido perante o seu meio social. Para que então, não precisasse trabalhar em mais de um lugar, podendo assim, dar mais atenção a sua vida pessoal, as atividades, aos planejamentos, a comunidade escolar e especialmente aos alunos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou compreender melhor a finalidade do trabalho docente e os desafios cotidianos vivenciados na profissão docente. Além de perceber a necessidade premente do reconhecimento e valorização desses profissionais

É essencial que haja mais investimentos financeiros na educação e que os governantes criem e assegurem políticas públicas capazes de melhorar a educação. Além de assegurar melhores condições de trabalho e de garantir um salário digno e justo perante todas as atribuições que são designadas ao professor, uma renda que os possibilite viver de maneira decente, sem precisar duplicar sua jornada de trabalho em prol de uma renda que atenda a suas necessidades humanas. De modo que os professores não precisariam trabalhar em mais de uma escola, prejudicando assim o seu desenvolvimento profissional, pessoal e sua qualidade de vida.

No caso específico da docência, é possível constatar todos os dias situações em que o professor tem que se posicionar diante de sua prática para resolver as mais diversas questões que envolvem o seu campo de trabalho, sem ajuda da escola, dos pais e da sociedade.

Tendo em vista os aspectos observados e discutidos em relação à realidade presenciada pelos docentes na atualidade, somos levados a acreditar que o profissional docente necessita ser mais valorizado e reconhecido por todos os sujeitos, como forma de garantir o seu lugar na sociedade.

É notável que muitas coisas ainda devem ser discutidas, revistas e reivindicadas no que tange a profissão de professor, para isso, é importante que ocorra algumas mudanças, dentre elas está a necessidade de mais investimentos em formação continuada para os docentes, mas, que possam ser condizentes com suas horas de atividades desenvolvidas, para que eles façam dessa atividade um momento prazeroso e interessante de se viver e não como uma coisa forçada.

Termos professores atualizados e bem informados com tudo que acontece no mundo é essencial para o tipo de escola que queremos. Pois, o conhecimento muda de uma hora para outra, a sociedade e o mundo do trabalho estão exigindo cada vez mais profissionais preparados, que acompanhe as transformações que estão acontecendo no mundo que interferem no meio educacional e social dos sujeitos.

Para que isso se concretize na atualidade é essencial que os docentes estejam sempre pesquisando, inovando e se atualizando, para formar sujeitos éticos, capazes de conviver em

sociedade. Todavia, além de investimentos próprios dos professores, é necessário que haja mais formação continuada disponível de forma gratuita, pelas Secretarias de Educação.

Portanto, se o profissional docente tem que se qualificar, estudar, buscar, está sempre se atualizando, porque ele não pode ser recompensado pelos seus esforços, ou seja, ganhar uma remuneração que seja condizente com tudo que ele desempenha? Por isso, a reflexão da prática dos professores é essencial, não podem simplesmente aceitar as coisas como acontecem, sem manifestar suas opiniões, seus esforços merecem sim serem valorizados, para isso espera-se que pelo menos paguem bem e disponibilizem um ambiente de trabalho confortável em relação ao que se precisa para cumprir com os objetivos almejados pela educação.

O professor é o mediador do ensino, capaz de preparar os sujeitos para conviver no meio social, porém, para desempenhar seu papel, requer da ajuda de outros integrantes, como os pais, a gestão escolar e a sociedade, para garantir uma aprendizagem mais eficaz e de qualidade para os alunos.

Com tantas mudanças no meio educacional o professor não pode ser o único responsável pela dificuldade de aprendizagem dos alunos, são muitos fatores que influenciam o andamento do ensino, o ensino se renova a todo o momento e passa a requerer novos métodos que potencialize a aprendizagem.

Entretanto, ao passo que a sociedade e os pais cobram dos professores a aprendizagem dos alunos, o próprio sistema educacional não contribui na formação para que os professores possam fazer de forma diferente, buscando se aperfeiçoar para realizar sua prática com mais eficiência e assim garantir um ensino-aprendizagem que contribua para a formação do sujeito.

Investir na profissão docente é um dos caminhos para se chegar ao progresso tão desejado pela sociedade. Sem ilusões, sem metas, mesmo que consideradas difíceis de serem realizadas, o ensino não progride. Um bom professor, por mais experiente que seja, necessita de novas possibilidades, novos meios para desenvolver seu trabalho, é a formação contínua é um dos mecanismos para alcançar resultados. De fato, conquistar novos saberes que possam ser utilizado na prática em sala de aula possibilita ao profissional docente conquistar competências e habilidades necessárias a profissão de educador.

Levando em consideração esses aspectos, são diversos os dilemas que envolvem essa profissão, dos quais se pode constatar nessa investigação. Pois, a realização desse estudo tornou possível conhecer e compreender de uma forma mais clara a realidade dos docentes do ensino fundamental de uma escola pública.

As respostas das professoras em torno da temática investigada comprovou que ainda há

muita coisa para ser feita em torno da qualidade da profissão docente, e que os profissionais docente lutam dia após dia no intuito de conquistar reconhecimento, valorização e acima de tudo os seus direitos na sociedade.

O professor é digno de merecer ter uma profissão reconhecida e acima de tudo valorizada pela sociedade no geral. È preciso mais do que nunca acabar com as visões distorcidas que ainda existe sobre essa profissão. Ser professor não é vocação, não é dom e muito menos falta de opção. Ser professor é estar num trabalho importante e necessário, o qual é capaz de mudar o futuro das pessoas.

Destaco que o referencial teórico utilizado nesse estudo contribuiu para a minha formação como docente, ampliando ainda mais meus conhecimentos a partir dos estudos realizados sobre essa temática. Bem como, possibilitou ampliar meu entendimento em relação do que é a profissão docente e como ela é vista na atualidade.

REFERÊNCIAS:

ALONSO, Myrtes; RIBAS, Marina H. CARVALHO, Marlene Araújo de. Formação Continuada de Professores e Mudança na Prática Pedagógica. In: QUELUZ, Ana Gracinda; ALONSO, Myrtes (Org.). **O Trabalho docente: teoria e prática**. São Paulo. 2003.

BARBOSA, Andreza. **Implicações dos Baixos Salários para o Trabalho dos Professores Brasileiros**. Revista Educação e Políticas em Debate – v.2, n.2 – jul/dez. 2012. Disponível em:[file:///C:/Users/CLIENTE/Downloads/21902-84198-2-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/CLIENTE/Downloads/21902-84198-2-PB%20(3).pdf). Acesso em 13 de fevereiro de 2015.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9.394/96**. Brasília: 1996.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. São Paulo: São Paulo, v. 18, n. 3, 2006.

CANZIANI, Alex. **Proposta de Emenda à Constituição**.2014. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=E8706750945A89F10788D4C2396B55F3.proposicoesWeb2?codteor=1245688&filename=PEC+395/2014 Acesso em 21 de outubro de 2015.

CHALITA, Gabriel. **Aprendendo com os aprendizes: a construção de vínculos entre professores e alunos**.- São Paulo: Cortez, 2014.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber as práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra? : inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética**. 23. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, Antonio (Org.).**Profissão professor**. Portugal: Porto, 1995, p. 93–124.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo; Paz e Terra, 1996.

_____.**Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

FURLANI, Lúcia M. T. **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**.5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. _____. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1987.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2001.

GOUVEIA, Andrea Barbosa et. al. **Condições de trabalho docente, ensino de qualidade e custo-aluno-ano.** Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, v.22, n. 2, p. 253-276, jul./dez. 2006.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza. 6. ed. – São Paulo, Cortez, 2006. - Coleção Questões da Nossa Época; v.77.

JESUS, Regina de Fátima de. “Sobre alguns caminhos trilhados... ou mares navegados... Hoje, sou professora. In: VASCONCELOS, Geni A. N (org.). **Como me fiz professora.** Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

KRAMER, Sônia. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, Maria (org.). In: **Encontros e desencontros em Educação Infantil.** São Paulo: Editora Cortez, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Adeus Professor, adeus professora?** : novas exigências educacionais e profissão docente. 10. ed. – São Paulo, Cortez, 2007.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. M. R. (org.). **Formação de Professores, práticas pedagógicas e escola.** São Paulo: EdUFSCar, 2002.

MORICONI, Gabriela M.; MARCONI, Nelson. **Os salários dos professores públicos são atrativos no Brasil?** In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 36. 2008, Salvador. Anais... Salvador: ANPEC, 2008, p. 1-20. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807211605210-.pdf>. Acesso em 25 de abril de 2015

NÓVOA, Antonio. **Os Professores e a sua Formação** (Coord.) Publicações Dom Quixote Instituto de Inovação Educacional, Lisboa 1995.

_____. **Relação escola-sociedade:** “novas respostas para um velho problema”. In: SERBINO, R. V. (Org.). Formação de professores. São Paulo: UNESP, 1998. p. 19-39.

_____. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa. 2002.

_____. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporânea.** Diretoria do SINPRO-SP. Janeiro de 2007. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf. Acesso em 30 de março de 2015.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Regulação educativa na América Latina:** repercussões sobre a identidade dos trabalhadores docentes. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 44. p. 209-227. dez. 2006.

OLIVEIRA, Maria Izete. **Indisciplina escolar:** determinações, consequências e ações. Brasília: Líber livro, 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PARO, Vitor Henrique. **Trabalho Docente na Escola Fundamental: Questões Candentes**. In: Cadernos de Pesquisa v.42 n.146 p.586-611 maio/agosto. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n146/14.pdf>. Acesso em 20 de março de 2015.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PEREIRA, Ana Maria T.Benevides. **O Estado da arte do burnout no Brasil**. Maringá-PR. 2003. Disponível em: http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Stress_qualidade_de_vida/007%20B%20-%20Burnout%20-%20Diversos%20artigos%20-%20REVISTA%20ELETR%20D4NICA.PDF. Acesso em 15 de agosto de 2014.

RAMALHO, Betania Leite; NUÑEZ, IsauroBeltrán; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Sulina, 2004. 208p.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. – São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano**. São Paulo, 1976.

TARDIF, Maurice; LESSAR, Claude. **O Trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

_____. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 17. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WERNECK, H. **Assinei o diploma com o polegar**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

APÊNDICE A- Roteiro de Entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

1 Dados de identificação do professor:

Idade: _____ Sexo: _____ Carga Horária: _____

Formação acadêmica: _____

Pós Graduação: () Sim () Não – Qual(is): _____

Tempo de atuação no magistério: _____

Tempo de atuação na escola: _____

Anos que leciona: _____

Tipo de vínculo empregatício: Contratado () Concursado ()

2 Questões da Entrevista:

- 1 Qual sua concepção sobre formação inicial?
- 2 Qual a sua concepção sobre a formação continua? Considera importante? Justifique.
- 3 Você considera o Trabalho docente uma profissão ou uma vocação? Justifique.
- 4 O trabalho docente na atualidade é reconhecido pelos pais e sociedade? Justifique.
- 5 Você se sente motivado para desenvolver suas atividades docentes em relação ao salário? Condições de trabalho? Recursos materiais?
- 6 Se você tivesse outra opção profissional, você deixaria de ser professor? Justifique.
- 7 Quais as causas da desvalorização da profissão docente?
- 8 Quais as dificuldades enfrentadas na profissão docente?
- 9 Os alunos apresentam interesse pelos conteúdos trabalhados em sala de aula? Justifique.
- 10 Você considera sua carga horária excessiva? Tamanho das turmas? Justifique.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa

_____, sob a responsabilidade do pesquisadora
_____, e desenvolver uma pesquisa nesta
instituição _____ cidade de

_____. Sua participação é voluntária. Os riscos decorrentes de sua
participação na pesquisa não existem. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o
processo educativo de seu filho/a.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o
direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou
depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O
(a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os
resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada,
sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em
contato com o pesquisador no endereço UAE campus de Cajazeiras.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado
sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a
explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada
e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas
assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ___/___/_____

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador Responsável